



PENTATEUCO



SEMEADOR

NITERÓI, 2004

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos

reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1	
Livro de Gênesis	7
No princípio criou Deus...	
Capítulo 2	
Livro de Êxodo	29
Deixa o meu povo ir.	
Capítulo 3	
Livro de Levítico	43
O Livro das Leis	
Capítulo 4	
Livros: Números e Deuteronômio	57
As experiências de Israel no deserto	
Bibliografia	76
Resposta dos Exercícios	77
Programa Curricular	78

Pentateuco



CAPÍTULO 1

Livro de Gênesis

No princípio criou Deus

Pentateuco, no grego *pentateuchos*, cinco livros. Esse nome se dá à coleção dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O conjunto desses cinco livros, na Bíblia, são também chamados de: Livro da Lei (Js. 1:7,8; Mt. 5:17); Lei de Moisés (I Rs. 2:3; Ed.7:6; Lv. 2:22); Lei do Senhor (II Cr. 31:3; Lc. 2:23); Livro de Moisés (II Cr. 25: 3,4); Livro da Lei de Deus/Senhor (Js. 24:26, II Cr. 17:9).

Todas essas designações do Pentateuco dão a entender que os cinco livros eram tidos como um só volume, como ainda se vê nos manuscritos judaicos, ainda que citados pelos vários nomes das palavras iniciais.

Livro de Gênesis

Gênesis, do grego *gênesis*, quer dizer “origem”; os hebreus chamavam esse primeiro livro de *Bereshith*, que significa “no princípio”, que são as palavras iniciais do livro. É exatamente sobre isso que fala o livro e Gênesis – ele conta a origem ou o princípio de todas as coisas. Ele conta o princípio do universo, do homem, do pecado, da salvação, do povo hebraico e tudo o que envolve a história do mundo, com relação à origem. Sem esse livro nosso conhecimento de um Deus criador seria lamentavelmente limitado; seríamos tristemente ignorantes do início do nosso universo.

O registro de Gênesis cobre pelo menos 2000 anos. Não é simplesmente uma história; é uma interpretação espiritual da história. Em dois capítulos Deus apresenta a narrativa da criação do mundo e do homem. Dali,

por diante temos a história da Redenção: Deus trazendo o homem de volta ao regaço divino.

O livro de Gênesis é o registro do fracasso humano, primeiro num ambiente ideal (Éden), depois sob o domínio da consciência (da queda até o dilúvio), e finalmente sob o governo patriarcal (Noé e José). Em cada caso de fracasso humano, porém, Deus supriu a necessidade do homem com as maravilhosas promessas de graça soberana. É apropriado, portanto, que o primeiro livro da Bíblia nos mostrasse o fracasso do homem, resolvido pela salvação de Deus, em todas as suas circunstâncias.

O Autor

A posição bastante antiga de hebreus e cristãos é a de que Moisés, guiado pelo Espírito de Deus, escreveu Gênesis. O livro termina trezentos anos antes do nascimento de Moisés. Por isso, Moisés só poderia ter recebido as informações mediante revelação direta de Deus, e por via de registros históricos a que tivesse acesso, que tinham sido transmitidos por seus antepassados. (Am. 3:7). Sobre a história da criação usada por Moisés, sem dúvida foi escrita bem antes, talvez por Abraão, ou Noé, ou Enoque. Quem sabe? A escrita era comum antes dos dias de Abraão. Em Ur, como em todas as cidades importantes da Babilônia, haviam muitas bibliotecas. Sem dúvida Abraão recebeu as tradições e registros de Sem sobre a história da criação, da queda do homem e do dilúvio. Sem dúvida Abraão registrou tudo o que aconteceu com ele e com as promessas que Deus lhe fez. Usou placas de barro, para serem guardadas posteriormente.

A criação (Gn. 1 e 2)

O livro se inicia com estas palavras: *“No princípio criou Deus os céus e a terra”*. Nestas simples palavras temos a declaração da Bíblia quanto à origem deste universo material. Deus fez com que todas as coisas surgissem pela palavra do seu poder. Ele falou e o universo foi formado. Quem era o Deus mencionado tantas vezes nos primeiros trinta e um versículos do gênesis? *“No Princípio era o verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”* (Jo. 1:1). *“Havendo Deus antigamente*

falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho” (Hb. 1:1). Aqui vemos Aquele que nos redimiou por seu precioso sangue, nosso Salvador, aparecendo como Criador desde universo. Alguém afirmou que Deus Pai é o arquiteto, Deus Filho é o construtor, e Deus Espírito Santo é o embelezador do universo. Sem dúvida isso é verdade!

Podemos observar que o Deus da criação - Deus-Pai - se revela: (1) na Bíblia como um ser infinito, eterno, auto-existente e como a causa primária de tudo o que existe (Sl. 90:2); (2) como um ser pessoal que criou Adão e Eva à sua imagem (1:27). Como eles foram criados à imagem de Deus, podiam comunicar-se com Ele e ter comunhão de modo pessoal. (3) como um ser moral que criou tudo bom e, portanto, sem pecado. E que ao terminar a Sua criação, observou que era “muito bom” (1:31).

A atividade da criação

“... *criou Deus os céus e a terra*” (1:1). O verbo “criar” é usado exclusivamente em referência a uma atividade que somente Deus pode realizar. Significa que Ele criou a matéria e a substância, que antes nunca existiram. “*A terra estava sem forma e vazia*” (1:2). A Bíblia diz que no princípio da criação a terra estava informe, vazia e coberta por trevas. “...*e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas*” (1:2). Águas” não significam os oceanos e mares como conhecemos hoje, mas a condição gasosa da matéria existente antes deles.

O método que Deus usou na criação foi o poder da Sua palavra: “*E disse Deus...*”. Noutras palavras, Deus falou e os céus e a terra passaram a existir. Toda a Trindade, e não apenas o Pai, desempenhou sua parte na criação. O próprio Filho é a Palavra (“Verbo”) poderosa, através de quem Deus criou todas as coisas. Semelhantemente, o Espírito Santo desempenhou um papel ativo, como vimos acima, é descrito como “pairando” (“se movia”) sobre a criação, preservando-a e preparando-a para as atividades criadoras adicionais de Deus. Moisés passa a descrever a partir de Gênesis 1:3 as diferentes fases da criação que acontece em seis dias.

Primeiro, Deus põe uma ordem na criação:

Dia 1 – “*Haja luz; e houve luz*” (vv.3-5). Deus inicia por iluminar o seu campo de ação.

Dia 2 – *“E chamou Deus o firmamento céus”* (vv. 6-8). É a separação da matéria gasosa (água em cima da expansão) e a água debaixo da expansão. Céu é o universo onde o sol, a lua e as estrelas se localizam.

Dia 3 – *“E apareça a porção seca”* e *“produza a terra erva verde”* (vv.9-13). Deus chama a porção seca TERRA e ao ajuntamento das águas MARES. E paralelamente, surgem as plantas, para que a terra pudesse receber seus habitantes.

Dia 4 – *“Haja luminares para haver separação entre o dia e a noite”* (vv.14-19). É a organização do sistema solar. Surgem o sol, a lua e as estrelas.

Segundo, Deus dá vida à criação:

Dia 5 – *“Produzam as águas répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a*

face da expansão dos céus” (vv. 20-23). Surgem os peixes e todas as variedades de aves.

Dia 6 – *“Produza terra alma vivente conforme a sua espécie”* (vv.24-31). Surgem animais domésticos, os animais selvagens e os répteis que se arrastam pelo solo. Surge também o homem à imagem e semelhança de Deus.

Terceiro, Deus termina a criação e a declara boa:

Dia 7 – *“Descansou no sétimo dia de toda Sua obra. Deus abençoou o sétimo dia e o destinou como um dia de descanso”*.

A formação do Homem

Na criação do homem, o verbo *“asah”*, em hebraico, e em latim *“fiat”* (seja feito), é o mesmo das expressões: “haja luz”, “produza a terra”; entretanto, no versículo 26 ele encontra-se no plural: “ façamos”. A conclusão que se chega é que, quando o homem foi “criado” ou “formado”, houve a ação da Trindade Deus-Pai, Deus-Filho, Deus-Espírito Santo. O homem e a mulher receberam o encargo de serem frutíferos e de dominarem sobre a terra e o reino animal.

A Bíblia ensina claramente a doutrina de uma criação especial, ou seja, que Deus criou cada criatura (Gn. 1:24). Isto quer dizer que cada

criatura, seja o homem ou os animais, foi criado como a conhecemos hoje. No decorrer dos séculos, muitas vãs filosofias e teorias têm procurado lançar dúvida sobre o relato bíblico da criação. Entre essas destaca-se a da evolução, difundida de Darwin. A teoria da evolução tem como partida a afirmação de que os homens e os animais em geral possuem um princípio comum; isto é, procedem de um mesmo tronco, e que eles hoje, são a soma de mutações sofridas no decorrer dos milênios. Entretanto, à luz da revelação divina, temos convicção que o homem foi tomado à imagem e semelhança de Deus. O que disto passa é mera fantasia e especulação do homem sem Deus e sem salvação.

O capítulo 1 de Gênesis relata a criação em esboço. O capítulo 2 explica com maiores detalhes a criação do homem e da mulher, o meio ambiente deles e o seu período probatório; apresenta os detalhes por assuntos.

“E abençoou Deus o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera” (2:3). Deus abençoou o sétimo dia e o destinou, tanto como dia sagrado e especial de repouso.

Em Gênesis 2:4, um novo nome de Deus aparece: “Senhor” (Iavé, “Javé” ou “Jeová”). Elohim é o nome genérico de Deus, que enfatiza sua grandeza e amor ao passo que “Senhor” é o seu nome pessoal, pactual, através do qual Ele se revela ao seu próprio povo. Quando os termos “Senhor Deus” aparecem juntos, falam do Criador onipotente em concerto amoroso com a raça humana.

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra ...” (2:7). Deus de modo especial deu a vida e o fôlego ao primeiro homem, e assim evidenciou que a vida humana está num nível superior às outras formas de vida.

Dos versículos 8 ao 17, temos a formação do jardim do Éden. Segundo os teólogos e, de acordo com a Bíblia, o jardim do Éden ficava a sudoeste da Ásia, ao sul da Mesopotâmia, bem próximo ao país que hoje é chamado Armênia, entre os rios Tigre e Eufrates. Todo o gênero humano procede daquela região.

Após a entrada do pecado, o jardim do Éden foi destruído e sua superfície modificada, pois dos quatro rios somente dois são conhecidos, hoje. Duas árvores do Jardim do Éden tinham importância especial. Ela era boa para comer, agradável aos olhos (Gn. 3:6). Entretanto, o seu fruto não deveria ser comido pelo homem, por ordem de Deus (Gn. 2:17). Vendo

Deus que Adão estava só, providenciou-lhe uma companheira, tirando-a do seu próprio corpo. Ela foi tirada da costela, do lado de Adão, para que ambos se comunicassem e servissem um ao outro, em perfeita harmonia.

“Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambas uma carne” (2:24). Observamos, que desde o princípio, Deus estabeleceu o casamento e a família, como a primeira e mais importante instituição humana na terra.

Queda (Gn. 3 e 4)

Deus criou o homem à sua própria imagem a fim de o homem ter comunhão com Ele. Mas o homem separou-se de Deus pelo pecado. Adão e Eva foram criados em estado de inocência, mas com poder de escolha. Foram dotados de mente clara e coração puro, com capacidade de somente fazer o bem. Foram provados sob as circunstâncias mais favoráveis.

Satanás, o autor do pecado, agindo por meio de uma serpente, tentou-os a duvidar da Palavra de Deus. Eles cederam à tentação e falharam na prova. Os resultados são apresentados em Gênesis 3. separaram-se de Deus, a terra foi amaldiçoada, e a tristeza encheu-lhes o coração. *“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”* (Gn. 3:15). Como consequência do pecado, Deus traria a inimizade; mas, em sua infinita misericórdia, Deus promete Aquele que iria redimir os homens do pecado. A semente da mulher (Jesus) destruiria as obras do diabo. Esta é a primeira profecia divina logo após a queda do homem.

Por causa do pecado cometido pelo homem, ele de agora em diante dependeria do seu próprio esforço. Teria que cultivar a terra e extrair dela o pão de cada dia (Gn. 3:19). Adão perdera a perfeita comunhão com Deus. Agora foi posto fora do Jardim (Gn. 3:23) e inicia-se uma vida independente de Deus, em meio ao sofrimento. Além disso, Satanás passou a ter poder sobre o mundo.

A primeira civilização (Gn. 4 e 5)

Imediatamente depois da queda, os homens começaram a oferecer sacrifícios ao Senhor. O primeiro sacrifício foi feito quando Adão e Eva perceberam que estavam nus. *“E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu”* (Gn.3:21). Sem dúvida esses sacrifícios foram ordenados por Deus e tinham como propósito manter diante do homem o fato da sua queda, e o sacrifício vindouro de Jesus.

Caim e Abel foram os primeiros filhos de Adão e Eva (Gn. 4:1,2). Caim foi cultivador do solo; enquanto, que Abel foi pastor de gado. Ambos trouxeram seus sacrifícios ao Senhor. *“Caim, trouxe do fruto da terra... Abel, por sua vez trouxe das primícias do seu rebanho”* (Gn. 4:3,4). A oferta de Abel foi aceita ao que a de Caim foi rejeitada. Pelo conhecimento da Palavra temos prova de que a oferta não foi aceita porque não era típica do sacrifício que seria mais tarde oferecido no calvário. Caim irou-se contra seu irmão e em sua ira o matou (Gn. 4:8). Com isso ele foi amaldiçoado por Deus: *“...maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra”* (Gn. 4:11,12). Caim sai da presença do Senhor e habita na terra de Node (Gn. 4:15,16).

Do versículo 17 ao 24 temos a genealogia de Caim. Ele gerou a Enoque, que gerou a Lameque, o primeiro a rejeitar o princípio do casamento monogâmico, ordenado por Deus. No versículo 25, nasce Sete, mais um filho de Adão. De Sete nasceu Enos e através dele tiveram começo às orações e o culto público ao Senhor (Gn. 4:26). O capítulo 5 fala da genealogia de Sete, de onde vem Noé. Nomes que devem ser destacados da geração de Sete:

— Enoque – homem de fé. Gênesis 5:24 diz apenas que Deus o tomou para si. É um dos casos mais extraordinários. A Bíblia fala que: ele andou com Deus (Gn. 5:24); ele era um pregador de justiça que denunciava o pecado (Jd. 14:15); ele agradou a Deus (Hb. 1:5). Enoque gerou a Matusalém.

— Matusalém – foi o mais idoso de todos os homens bíblicos. Viveu 969 anos. Matusalém gerou a Lameque.

— Lameque – filho de Sete que gerou a Noé, que construiu a arca.

O dilúvio (Gn. 6-10)

O capítulo 6 descreve a corrupção total do gênero humano. O pecado assumiu proporção tão desastrosa, a ponto de pesar no coração de Deus ter posto o homem na terra (Gn. 6:6), e então, em conseqüência, Ele determina a destruição do homem através de um dilúvio. Deus manda o dilúvio para restaurar o bem na terra. Depois da queda, Deus deu ao mundo um novo começo, mas logo a maldade do homem cresceu a ponto de restar só um homem justo, Noé. Deus tinha sido longânimo em sua paciência com os homens.

Noé, durante a construção da arca, que durou 120 anos, adverti o povo sobre o que iria acontecer. Mesmo depois que Noé, sua esposa, filhos e noras entram na arca, levando consigo dois de cada espécie de animal, houve um intervalo de sete dias antes de vir o dilúvio, mas as misericórdias de Deus foram recusadas e os homens pereceram. Deus salvou oito pessoas do terrível julgamento da terra pelo dilúvio.

“Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolherem” (Gn. 6:2).

“Filhos de Deus” aqui seriam, naturalmente, aqueles em que se refletia a santidade divina, ao passo que “Filhas dos homens” seriam aquelas consideradas corruptas. Naquela época haviam duas raças distintas: os descendentes de Sete e os descendentes de Caim. Segundo alguns escritores, os “filhos de Deus” seriam os descendentes de Sete, e as “filhas dos homens” descendentes de Caim.

“E disse Deus: Este é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós... O meu arco tenho posto na nuvem” (Gn. 9:12-13). O arco de várias cores é reproduzido pelo sol quando este se encontra pouco acima do horizonte e tem à sua frente uma nuvem de chuva. Nós avistamos quando nos colocamos entre o sol e a nuvem, sempre depois de abundante chuva. Deus colocou nas alturas como sinal de seu pacto com Noé.

“E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha, e bebeu do vinho e embebedou-se...” (Gn. 9: 20-21). Noé um homem ricamente abençoado por Deus, foi vencido pelos pecados carnis. Seus filhos Sem e Jafé demonstram moral elevada e louvável ao cobrir a nudez de seu pai. Quanto ao terceiro filho de Noé, Cam, vemos que por ter anunciado aos outros a nudez de seu pai, teve a maldição imputada à sua

geração – os cananeus. Os cananeus foram adversários do povo de Deus e foram exterminados quando Josué conquistou Canaã (Js. 24:18).

Na aliança firmada entre Deus e Noé, estão registrados no sentido profético, as gerações de Sem, Jafé e Cam (gn. 10):

- Descendentes de Sem (semitas), preservaram o conhecimento do verdadeiro Deus. Jesus, segundo a carne, descendeu de Sem. Os descendentes de Sem se estabeleceram na Arábia e nas terras do vale dos rios Tigre e Eufrates, no Oriente Médio. Formaram os hebreus, assírios, sírios e elamitas.

- Descendentes de Jafé, dominaram a maior parte do mundo e superaram as raças semíticas. O domínio se deu principalmente no governo, na ciência e na arte. Eles foram os progenitores dos medos, dos gregos e das raças brancas da Europa e da Ásia.

- Descendentes de Cam, o mais moço, seriam raças servis. Eles se fixaram na Arábia Meridional, no Egito Meridional, na orla oriental do Mar Mediterrâneo e na costa setentrional da África. Estabeleceram-se num território que se denominou Canaã, que posteriormente se tornou à pátria do povo judeu.

A torre de babel (Gn. 11)

“E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cu-me toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda terra” (Gn. 11:4). O pecado do povo na terra de Sinear foi à ambição de dominar o mundo e dirigir o seu próprio destino, à parte de Deus, através da união política centralizada e grandes conquistas. Esse propósito era fruto do orgulho e rebeldia contra Deus. Deus frustrou o propósito deles, multiplicando os idiomas em seu meio, de tal maneira que não podiam comunicar-se entre si (vv.7,8).

Isso deu origem à diversidade de raças e línguas. O homem nesse período voltou-se para a idolatria, a feitiçaria e a astrologia.

Do versículo 10 ao 32, temos a descendência de Sem até Abrão. Com Abrão, Deus prosseguiu dando cumprimento ao propósito da salvação da raça humana.

O chamado de Abrão (Gn.12-20)

Apesar da maldade do coração humano, Deus quis mostrar sua graça. Ele queria um povo escolhido a quem confiasse as sagradas escrituras, que fosse sua testemunha às outras nações e mediante o qual o Messias prometido pudesse vir. Deus chama um homem de nome Abrão para deixar seu lar na idólatra Ur dos Caldeus, a fim de ir a uma terra desconhecida, onde Deus o faria pai de uma poderosa nação. Assim começa a história de Israel, o povo escolhido de Deus.

Vários princípios importantes podem ser deduzidos do chamado de Abraão:

1. Levou-o a separar-se da sua pátria, do seu povo e dos seus familiares, para tornar-se estrangeiro e peregrino na terra (12:1). Em Abrão, Deus estava estabelecendo o princípio de que os seus deviam separar-se de tudo quanto possa impedir o propósito divino na vida deles.

2. Deus prometeu a Abrão uma terra, uma grande nação através dos seus descendentes e uma bênção que alcançaria todas as nações da terra (12:2-3). Abrão obedeceu às ordens de Deus, embora tivesse sido necessário esperar por muito tempo a vinda de Isaque, para se cumprir à promessa.

3. O chamado de Abrão envolvia, não somente uma pátria terrestre, mas também uma celestial. A partir de então, ele buscava uma pátria celestial onde habitaria com Deus eternamente em justiça, paz e alegria.

4. O chamado de Abrão continha também compromissos. Deus requeria dele tanto a obediência quanto a dedicação pessoal ao Senhor. Essa dedicação se baseava em um esforço sincero para viver uma vida de retidão (17:1,2).

5. Por Abrão possuir uma fé em Deus, expressa pela obediência, dele se diz que é o principal exemplo da verdadeira fé salvífica.

6. Deus chamou Abrão e fez uma aliança com ele, conhecida como a Aliança Abraâmica. Deus repetiu essa aliança com Isaque, seu filho, depois de novo com seu neto Jacó. Ele não a repetiu para mais ninguém. Estes são portanto, os Pais da Aliança e é por isso que lemos nas escrituras: *“Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”* (At.7:32). Deus fez aliança com esses três homens para que eles a comunicassem a outros.

Qual foi a aliança feita? Veja os textos abaixo:

“Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn. 12:1-3)

“E havia fome na terra, além da primeira fome, que foi nos dias de Abraão: por isso foi-se Isaque a Abimeleque, rei dos filisteus, em Gerar. E apareceu-lhe o Senhor, e disse: Não desças ao Egito habita na terra que eu te disser: Peregrina nesta terra, e serei contigo, e te abençoarei; porque a ti e à tua semente darei todas estas terras, e confirmarei o juramento que tenho jurado a Abraão teu pai; e multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus, e darei à tua semente todas estas terras; e em tua semente serão benditas todas as nações da terra; Porquanto Abraão obedeceu à minha voz, e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis” (Gn. 26: 1-5).

“E eis que o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque: esta terra, em que estás deitado, darei a ti e à tua semente: E a tua semente será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua semente serão benditas todas as famílias da terra: E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que vá, e te arei tornar a esta terra: porque te não deixarei, até que te haja feito o que tenho dito” (Gn. 28:13-15).

Abrão parte para uma terra desconhecida como o Senhor lhe tinha dito (Gn. 12:1). Era ele da idade de 75 anos, quando saiu de Harã. Ele saiu com Sarai, sua mulher, com Ló, filho de seu irmão e com tudo o que havia adquirido. Ele chega em Canaã. A fome atingia toda essa terra e para evitar dificuldades, Abrão desce ao Egito. Amedrontado Abrão mente que Sarai é sua esposa, passa por complicações por causa dessa mentira e tem que sair do Egito (Gn. 12:10-20).

Ele agora está diante do lugar onde um dia ele erguera seu primeiro altar – Betel (Gn. 13:1-4). Enquanto a prosperidade de Abrão representava as bênçãos do Senhor, para Ló representava uma fé materialista. Surgem desentendimentos e eles acabam se separando (Gn. 13:5-18).

O capítulo 14, fala de um personagem que trará muita edificação. Dos versículos 18-24 fala de uma figura bem diferente, seu nome é Melquisedeque, a Bíblia nos fala que era sacerdote do Deus Altíssimo. Não se tem conhecimento de sua origem, nem de sua genealogia, consta, somente que ele foi rei de Salém. Em Hebreus lemos que ele era como *semelhante ao Filho de Deus* e a ele coube abençoar Abrão (14:19,20). Depois da benção, veio a tentação na vida de Abrão, através de rei de Sodoma. Mas, Abrão rejeita a sua oferta.

“Depois destas coisas veio à palavra do Senhor a Abrão” (Gn. 15). Deus tinha feito a promessa que a partir dele faria uma grande nação, mas Abrão não tinha filhos. Deus faz a promessa de um herdeiro legítimo. *“E creu Abrão no Senhor, e isto lhe foi imputado por justiça”* (15:6). Pela primeira vez nas Escrituras, a fé e a justiça são mencionadas juntas. A “fé” significava no A.T. “confiança em” ou “dependência de” e também “lealdade a” ou “fidelidade”. O termo “justiça” significava “estar num relacionamento correto com Deus e com sua vontade”. No restante do capítulo 15, Deus faz um pacto com Abrão: *“A tua semente tenho dado esta terra...”* (vv. 18-21).

Abrão persuadido por Sarai sua esposa, e na ânsia de ver cumprida a promessa, toma Hagar, escrava egípcia por mulher e esta lhe dá um filho – Ismael – que significa “Deus ouviu”. Abrão era da idade de 82 anos quando nasceu Ismael. Futuramente Ismael, juntamente com seus descendentes, seria um dos povos mais aguerrido, forte e corajoso.

Do capítulo 17 em diante temos o mesmo personagem, mas com o nome alterado para “Abraão” que quer dizer “Pai de Uma Grande Nação”. Que teria motivado essa mudança? Um profundo arrependimento. Abraão arrependeu-se por ter procurado antecipar o plano de Deus para sua vida. Sarai que significa “princesa”, também tem seu nome mudado para Sara, “Mãe das nações”. Nos países orientais a mudança de nome era praticada para revelar algum acontecimento notável na vida da pessoa envolvida. Deus reforça a Abraão a promessa de um filho legítimo. *“E disse Deus: Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque, e com ele estabelecerei o meu concerto”* (Gn. 17:19). O capítulo 17 constitui o único relato bíblico sobre a origem da circuncisão entre os israelitas. Abraão foi circuncidado aos 99 anos. Estaria com esse ato tão somente confirmando sua fé.

Do capítulo 18 ao 21 vemos os descendentes de Abraão e Ló. No versículo 10 do capítulo 18, Deus fala com Abraão e Sara: *“Certamente voltarei a ti, daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho”*. Abraão não teve dúvida em reconhecer a presença de Deus. No versículo 14 do mesmo capítulo Deus reafirma a promessa: *“Haveria alguma coisa impossível ao Senhor? Ao tempo determinado, tornarei a ti por este tempo da vida, e Sara terá um filho”* (Gn. 18:14).

A partir do versículo 17, Deus anuncia a destruição de Sodoma e Gomorra. Abraão faz então a primeira oração intercessória: *“Destruirás também o justo com o ímpio?”* (v. 23). Abraão preocupado com Ló e sua família intercede diante de Deus para Ele não destruir as cidades. Deus responde à sua oração, embora não como este esperava. Deus salva Ló e sua família, mas destrói as duas cidades (Gn. 19). O capítulo 20 narra nova mentira de Abraão, e novamente relacionada a Sara. Mais uma vez, falhou a fé de Abraão, colocando em perigo o plano de Deus. Entretanto, Deus interveio a fim de preservar a participação de Sara, como mãe do povo do concerto.

O nascimento de Isaque (Gn. 21-24)

Nasce Isaque, o filho da promessa (Gn. 21). Isaque significa “Riso”. No coração de Abraão havia um misto de alegria e tristeza. Ele também amava a Ismael, mas este teve que partir (vv. 9-12). Ismael (nascido da carne), tipificava “as obras da lei”, através das quais jamais alguém herdará as promessas dadas por Deus. Isaque é o fruto da fé; nele foi revelado todo o amor de Deus para conosco.

Deus manda Abraão matar seu filho Isaque (Gn. 22). A ordem do Senhor foi um verdadeiro desafio de fé. Nessa história Isaque tipifica a Cristo: ao dar-se a seu pai como sacrifício de morte (v.16); e ao ser salvo da morte, ato este que responde à ressurreição de Jesus.

Temos aqui o Jeová-Jiré (v.14), DEUS PROVERÁ, é uma expressão profética da procedência divina de um sacrifício substituto, um carneiro. Isaque permanece vivo e o Senhor reforça a Abraão a promessa feita anteriormente: *“E em tua semente serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz”* (Gn. 22:18).

Aprendemos da prova de Abraão que: (1) Deus às vezes prova a fé

de seus filhos. Tal prova deve ser considerada uma honra no reino de Deus; (2) O crente deve confiar em Deus, que Ele estará presente, concederá sua graça e tudo quanto for necessário, em qualquer circunstância, dentro da vontade divina; (3) Deus constantemente realiza seu propósito redentor, restaurador, através da morte de uma visão; Ele pode deixar acontecer em nossa vida, coisas que parecem destruir nossas esperanças e sonhos; (4) Depois de uma provação de fé, Deus confirmará, fortalecerá, estabelecerá e recompensará o crente; (5) Para se achar a verdadeira vida em Deus é preciso sacrificar tudo quanto Ele requer; (6) Depois de um teste de sofrimento e de fé, o resultado final da parte do Senhor para com o crente é que Ele é muito misericordioso e piedoso (Tg. 5:11).

O capítulo 23, registra a morte de Sara. Foi ela o grande amor de Abraão (v.2). Sara viu o crescimento da fé de Abraão, seu chamado e elevação. *“E era Abraão já velho e adiantado em idade. E disse Abraão ao seu servo: Irás à minha terra e a minha parentela e daí tomarás mulher para meu filho Isaque”* (Gn. 24:1-4). Isaque casa-se com Rebeca. Este significativo evento nos transmite verdades que jamais serão esquecidas. Este quadro ilustra palidamente o tipo de união de Cristo com sua noiva, a Igreja, vejamos:

a) Abraão providenciou o casamento de Isaque. A união de Cristo com a Igreja foi preparada pelo Pai.

b) O servo Eliézer selecionou a noiva. O Espírito Santo chama, ou escolhe a Igreja.

c) A missão do servo era falar do seu amo e mostrar como ele honrara seu filho. O Espírito Santo revela e dispensa as bênçãos de Jesus aos que são dEle.

d) A plena confiança com que Rebeca aceitou seu noivo, mesmo sem conhecê-lo, portanto pela fé. É um tipo da Igreja que, pela fé aceita Jesus e pela mesma fé caminha ao seu encontro.

e) Isaque foi ao encontro de Rebeca, assim acontecerá quando do arrebato da Igreja por Jesus.

f) Tal como Isaque conduziu Rebeca à tenda da sua mãe, outorgando-lhe direitos e privilégios iguais aos demais membros de sua família, também a Igreja - reinará em glória com o Senhor Jesus.

A morte de Abraão e o nascimento de Jacó e Esaú (Gn. 25-36)

Após relatar o segundo casamento de Abraão e sua morte (Gn. 25:1-11), são descritos os descendentes de Ismael, que até hoje estão em conflito com seus irmãos judeus. O último versículo deste capítulo fala sobre os descendentes de Isaque. Assim como Sara, Rebeca era estéril, e Isaque teve que pedir a Deus por um filho (Gn. 25:21). Nasce gêmeos: Esaú, que quer dizer “Ruivo” ou “cabeludo” e Jacó, que quer dizer “Usurpador”. Deus, antes do nascimento deles, disse para Rebeca: *“Duas nações há no teu ventre, o dois povos se dividirão das tuas entranhas: ...o maior servirá o menor”* (v. 23). Esaú vende a primogenitura a Jacó (v. 33).

A primogenitura consistia em: (1) liderança na adoração a Deus e chefia da família; (2) uma dupla porção da herança paterna; e (3) o direito à bênção do concerto, conforme Deus prometera a Abraão. O ato de Esaú vender sua primogenitura revela quão pouco valor atribuía às bênçãos de Deus e às promessas do concerto. Jacó, por outro lado, desejou as bênçãos espirituais do futuro, e dela vieram as doze tribos de Israel.

Nesse período houve fome na terra e Isaque partiu até Gerar, terra dos filisteus. Os filisteus sempre foram inimigos dos judeus, mas mesmo assim Isaque habitou entre eles: *“...o Senhor o abençoava”* (Gn. 26:12). Os versículos 26 a 31, do capítulo 26, relatam sobre o pacto entre Abimeleque e Isaque. E os versículos 28 e 29, lemos o motivo que levou Abimeleque a procurar Isaque: *“E eles disseram: Havemos visto, na verdade, que o Senhor é contigo, pelo que dissemos: Haja agora juramento entre nós, entre nós e ti; e façamos concerto contigo. Que nos não faças mal, como nós te não temos tocado, e como te fizemos somente bem, e te deixamos ir em paz. Agora tu és o bendito do Senhor”*. Está comprovado mais uma vez que em Isaque seriam realizados os propósitos divinos contidos na promessa feita a Abraão.

O capítulo 27 retrata Isaque e sua família tentando conseguir a bênção de Deus de um modo injusto. A preferência pessoal de Isaque por Esaú, de modo contrário à vontade de Deus, e a manipulação enganosa de Rebeca e Jacó, tomaram o lugar das bênçãos espirituais do concerto de Deus. O nome Jacó teve origem na maneira como se deu o seu nascimento. “O usurpador”, esse nome é pelo fato de Jacó ter nascido segurando o calca-

nhar de seu irmão. Ele engana o seu pai e recebe a bênção da primogenitura ao lugar de Esaú. Esaú quando chega com o guisado para seu pai, descobre que Jacó já recebeu a bênção e chora.

Fugindo da ira do seu irmão, Jacó parte para outra terra. Isaque o abençoa e ordena que não tome mulher de entre as filhas de Canaã (Gn. 28). No meio do caminho, cansado, Jacó dorme no campo, e, tendo uma pedra por travesseiro, sonha com Deus, que lhe confirma a promessa feita a Abraão. *“E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque te não deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito”* (Gn.28:15). Até este momento ele não sabia da presença de Deus ali com ele. *“Acordado pois Jacó do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. E temeu, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus”* (Gn. 28:16,17).

Nos versículos 20 a 22, Jacó faz um voto puro e consciente a Deus: *“...o Senhor será o meu Deus; e esta pedra, que tenho posto por coluna, será Casa de Deus; e, de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo”*.

Os anos passados em Harã foram penosos a Jacó. Vinte anos de luta (Gn. 29 a 31). Jacó é enganado por seu tio Labão. Este trabalhara sete anos para seu tio em troca de Raquel (vv. 18-20), mas, seu tio lhe dá Lia a filha mais velha. Raquel custa a Jacó mais sete anos de trabalho para Labão.

O capítulo 30 nos fala da formação da família de Jacó: 2 esposas, concubinas e 12 filhos. Deus é com Jacó (Gn. 30:37-43 e 31: 1-55), pois através do próprio rebanho de Labão, por meios sobrenaturais, Jacó torna-se muito rico, regressando ao seu lar com grande família e numeroso rebanho.

Jacó obedece às instruções de Deus, separando-se de Labão e retornando à terra de Canaã (Gn. 31), a região onde mora Esaú, seu irmão. Deus envia anjos para assegurar a Jacó sua contínua proteção. Jacó teme e se aflige à medida que se aproxima do território de Esaú (Gn. 32). Ele passa o vau de Jaboque e luta com um anjo (vv. 22-23); luta desesperadamente com Deus para obter a bênção prometida. Deus vendo que ele prevalecia, o feriu na coxa (v. 25), como lembrança de que este não devia doeravante andar na sua própria força, mas, confiar inteiramente em Deus e

andar na dependência dEle. O nome Jacó é mudado para Israel, que significa “aquele que luta com Deus” (v. 28).

“E levantou Jacó os olhos e olhou, e eis que vinha Esaú...” (Gn. 33:1). Deus tinha lidado com Esaú e posto dentro dele o desejo de reconciliar-se com seu irmão. A atitude amistosa de Esaú foi à resposta de Deus à oração de Jacó. Os dois irmãos se encontram em paz e separam-se. Por ordem divina, parte Jacó para Betel, onde ergue um altar a Deus (Gn.35). Ele percebe uma deteriorização espiritual na sua família e ordena: *“Tirai os deuses estranhos, que há no meio de vós”*. Por causa dessa renovação espiritual, ele volta a experimentar a proteção, presença, revelação e bênção de Deus (vv. 5,9-13). Nasce Benjamim – “filho da minha direita”-, o ultimo filho de Jacó com Raquel (vv. 16-20), que morre n parto.

O capítulo 36 narra sobre os descendentes de Esaú. Ele prosperou materialmente, mas não prosperou espiritualmente. Sua vida foi caracterizada por menosprezo pelas coisas espirituais (Gn. 36:2). Conseqüentemente, a nação que ele fundou Edom, tornou-se ímpia, e veio a ser objeto da ira de Deus.

A vida de José (Gn. 37-50)

Isaque e Rebeca cometeram o erro de mostrar favoritismo para com seus dois filhos. Isaque favoreceu o caçador, Esaú. Rebeca favoreceu o calmo Jacó. Jacó fez a mesma coisa com relação a José, o que despertou inveja aos outros filhos.

José foi uns dos personagens mais nobre do Antigo Testamento. Foi por meio dele que a sua família foi abençoada no Egito. A vida de José é uma das ilustrações bíblicas mais perfeitas da providência de Deus. Primeiro, ele foi jogado dentro de uma cisterna por sus irmãos. Depois, foi vendido como escravo aos dezessete anos. Passou pela prisão, onde interpretou dois sonhos. Aos trinta se tornou governador do Egito, após ter interpretado o sonho de Faraó.. Dez anos mais tarde seu pai Jacó, entrava no Egito.

Após a morte de Isaque, já sendo José governador do Egito, Jacó e seus filhos, num total de setenta pessoas, mais gados e bens, foram para o Egito por causa da fome, onde se reconciliaram com José. No Egito foram exaltados pelo Faraó por causa de José. Habitaram na terra de Gósen, onde

eles cresceram em número, riqueza e influência.

Nos momentos finais da sua vida, Jacó reuniu seus filhos e profetizou a respeito da vida deles e do seu futuro no plano divino da redenção (Gn.49). As bênçãos e maldições deste capítulo estão condicionadas à qualidade do relacionamento com Deus, por parte dos descendentes de Jacó. A seguir transcrevemos trechos da bênção de Jacó à seus filhos:

“Depois chamou Jacó a seus filhos, e disse: Ajuntai-vos para que eu vos anuncie o que vos há de acontecer nos dias vindouros. Ajuntai-vos, e ouvi, filhos de Jacó; ouvi a Israel vosso pai:

Rúben, tu és meu primogênito, minha força e as primícias do meu vigor, preeminente em dignidade e preeminente em poder.

Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência.

Judá, a ti te louvarão teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos: diante de ti se prostrarão os filhos de teu pai.

Zebulom habitará no litoral; será ele ancoradouro de navios; e o seu termo estender-se-á até Sidom.

Issacar é jumento forte, deitado entre dois fardos. Viu ele que o descanso era bom, e que a terra era agradável. Sujeitou os seus ombros à carga e entregou-se ao serviço forçado de um escravo.

Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, de modo que caia o seu cavaleiro para trás.

Quanto a Gade, guerrilheiros o acometerão; mas ele, por sua vez, os acometerá.

De Aser, o seu pão será gordo; ele produzirá delícias reais.

Naftali é uma gazela solta; ele profere palavras formosas.

José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto a uma fonte; seus raminhos se estendem sobre o muro.

Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã devorará a presa, e à tarde repartirá o despojo.

Acabando Jacó de dar estas instruções a seus filhos, encolheu os seus pés na cama, expirou e foi congregado ao seu povo”.

EXERCÍCIO

1. ____ Pentateuco, significa a coleção dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento.
2. ____ O método que Deus usou na criação foi o poder da Sua palavra.
3. ____ A Trindade não estava presente no processo da criação.
4. ____ O mundo foi criado em seis dias.
5. ____ Deus criou o homem à sua própria imagem a fim de ter comunhão com ele.
6. ____ Com a queda o homem perdera essa comunhão.
7. ____ Caim e Abel foram os dois primeiros filhos de Adão.
8. ____ Noé foi o homem designado por Deus para construir a arca.

Pentateuco



CAPÍTULO 2



Livro de Êxodo

Deixa o meu povo ir...

A relação entre o livro de Gênesis e o de Êxodo é muito semelhante à que existe entre o Antigo e o Novo Testamento. Gênesis marca o fracasso do homem em todas as provas e em todas as condições. Êxodo é a epopéia emocionante de Deus vindo em socorro do homem.

Nele se encontra a obra redentora de um Deus soberano. Êxodo é preeminentemente o livro de redenção no Antigo Testamento. Começa em trevas e tristezas, porém termina em glória. Começa contando como Deus desceu em graça, para libertar um povo escravizado e termina declarando como Deus desceu em glória no meio de um povo remido.

A palavra Êxodo vem do grego e quer dizer “saída”. Sem o Gênesis, o livro de Êxodo não faz sentido. Gênesis, nos seus últimos capítulos, registra o estabelecimento das dez tribos no Egito e as vantagens que essa terra lhes trariam. Êxodo narra as experiências do povo hebreu em período pós José e sua saída do Egito.

O Autor

Dois pontos relacionados com este livro têm causado controvérsias: a data do êxodo e a autoria do livro. Duas datas diferentes são propostas: (a) uma primeira data que deriva de I Reis 6:1, onde está escrito que o êxodo ocorreu 480 anos antes do quarto ano do reinado de Salomão. Esta declara-

ção estabelece a data do êxodo em 1445 a.C. Em Juízes 11:26, Jefté afirma que Israel ocupara sua própria terra há 300 anos, o que permite datar a conquista de Canaã em aproximadamente 1400 a.C. Por isso, essa cronologia do êxodo ficaria entre 1445 – 1405 a.C.; (b) os críticos liberais da Bíblia propõem uma data posterior, para o êxodo, em cerca de 1290 a.C., com base em suposições a respeito dos governantes egípcios, bem como uma data arqueológica do século XIII a.C. sobre a destruição de cidades cananéias durante a conquista de Canaã.

Há também discordância no tocante à autoria deste livro. Intérpretes modernos geralmente consideram o livro como uma obra conjunta, preparada por vários escritores. Por outro lado, a tradução judaica desde os tempos de Josué (Js. 8:31-35), bem como o testemunho de Jesus (Mc. 12:26), do cristianismo primitivo, e dos eruditos conservadores contemporâneos, atribuem a Moisés a origem do livro. Pormenores numerosos em Êxodo indicam que o autor foi testemunha ocular dos eventos registrados neste livro. Além disso, trechos do próprio livro dão testemunho da participação direta de Moisés na sua escrita.

A escravidão (Ex. 1)

O livro de Gênesis é a história de uma família. O livro do Êxodo é a história de uma nação. Os filhos de Jacó haviam conquistado grande favor por causa do seu irmão José. Depois que José morreu e uma nova dinastia ascendeu ao trono do Egito, a riqueza e o grande número dos filhos de Israel os fizeram objeto de desconfiança. Lendo os versículos 8 a 14, podemos ver que o poderio do povo hebreu aumentou muito e isso amedrontava os egípcios. As alegrias e direitos do povo hebreu então terminam.

Faraó decreta três decretos e leis. O primeiro sujeitando os hebreus a trabalhos forçados (v.12). O segundo que os recém-nascidos hebreus homens deveriam ser mortos (vv.15,16) mas, as parteiras temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito ordenou (v.17). O terceiro decreto, que todos os meninos recém-nascidos, filhos de estrangeiras fossem atirados no rio (v.22).

Um libertador (Ex. 2-4)

O nome desse libertador é Moisés. Deus tendo um plano muito especial para sua vida, o livrou da morte. Seu pai chamava-se Anrão, e sua mãe Joquebede, ambos pertencentes à tribo de Levi. Moisés um menino formoso, foi escondido por seus pais durante três meses. Não podendo, mais escondê-lo, seus pais tomaram uma arca de juncos, o colocaram nela, e esta foi posta no rio.

Moisés é conduzido à corte egípcia. A filha de Faraó o acha e decide que será seu filho. Entretanto, a mãe verdadeira de Moisés é chamada para cuidar dele (2:1-9). Já grande, sua mãe entrega-o à princesa, que o educa em toda a sabedoria egípcia.

A vida de Moisés pode ser dividida em três partes: os primeiros 40 anos de vida, na corte de Faraó, onde foi instruído em toda ciência do Egito; os segundos 40 anos, no deserto de Mídia, Moisés aprendeu que não era ninguém; nos terceiros 40 anos, Moisés reconheceu que Deus é tudo e suficiente para salvar uma nação inteira. Foi quando Moisés entregou-se completamente ao serviço de Deus.

Moisés já grande andando pela cidade egípcia, percebe a opressão do povo hebreu. Ele fica indignado por ver um egípcio maltratando um hebreu, corre em sua defesa e mata o egípcio. Ouvindo, pois, Faraó este caso, procurou matar a Moisés. Assim, Moisés foge do Egito (2:15).

Foi em casa de um homem chamado Jetro, no deserto de Midiã, que Moisés encontrou asilo, e permaneceu por 40 anos. Neste tempo casou-se com Zípora, filha de Jetro e cuidou do rebanho do seu sogro. *“E aconteceu depois de muitos destes dias, morrendo o rei do Egito, que os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão, e clamaram; e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão. E ouviu Deus o seu gemido, e lembrou-se Deus do seu concerto com Abraão, com Isaque, e com Jacó; e atentou Deus para os filhos de Israel, e conheceu-os Deus”* (Ex. 2:23-25).

No capítulo 3, Deus fala com Moisés do meio da sarça ardente. *“Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, (para que tires o meu povo os filhos de Israel) do Egito”* (Ex.3:10). Moisés tem um chamado divino, o de libertar o povo hebreu das mãos de Faraó. Alguns pontos importantes merecem destaque no chamado de Moisés:

1) *“Apareceu-lhe o Anjo do Senhor...”* (v. 2). O próprio Deus é que

aparece diante de Moisés .

2) “*Não te chegues para cá; tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar é santo*” (v.5). Moisés entendeu que era necessário reverenciar e temer onde estava.

3) “*Eu sou o Deus de teu pai, de Abraão, Isaque e Jacó*” (v. 6). O Senhor se apresenta como Deus que eles adoravam.

4) “*Quem sou eu, que vá a Faraó*” (v.11). Moisés sente-se incapaz para o cumprimento da missão. Mas, o Senhor diz para ele: “Certamente eu serei contigo”.

5) “*E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU*” (v. 14). O Senhor deu a si mesmo o nome pessoal. Deus está dizendo a Moisés: “Quero ser conhecido como o Deus que está presente e ativo”.

Moisés nesse momento, é muito diferente daquele homem que há quarenta anos matara um egípcio. A vida no deserto, o trabalho de apascentar ovelhas e as últimas experiências divinas, transformaram a sua vida. Começa a partir desse momento uma nova fase na vida de Moisés.

O ministério e a mensagem de Moisés foram confirmados por sinais miraculosos (Ex.4:1-9). No versículo 10, Moisés argumenta com Deus: “*Ah! Senhor? Eu não sou eloqüente..., sou pesado de boca, e pesado de língua*”. E disse-lhe o Senhor: “*Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?*” (v.11). Deus tem poder de transformar e também de curar. Nada mais restava a Moisés senão obedecer. Moisés então decide voltar ao Egito. Deus o encoraja dizendo que os seus inimigos estão mortos (v.19) e lembra a ele como se apresentar diante de Faraó e o que fazer diante dele.

Moisés e Arão diante de Faraó (Ex. 5-12)

A narrativa do Êxodo é basicamente um conflito entre dois deuses: o Senhor e Faraó. Faraó questionava o poder do Deus de Israel, considerava-se mais poderoso. Por várias vezes Moisés e Arão colocam-se diante de Faraó e dizem: “Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir meu povo”. A cada resposta negativa de Faraó, Deus manda pragas sobre o Egito. As dez pragas foram o método do Senhor demonstrar que é mais

poderoso que qualquer deus egípcio.

As dez pragas:

- 1) As águas do Nilo converteram-se em sangue (Ex. 7:14-21).
- 2) As rãs (Ex. 8:1-1).
- 3) Os piolhos (Ex. 8:16-19).
- 4) As moscas (Ex. 8:20-28).
- 5) A peste nos animais (Ex. 9:1-7).
- 6) As úlceras (Ex. 9:8-12).
- 7) Saraiva nas plantações (Ex. 9:22-35).
- 8) Dos gafanhotos (Ex. 10:1-20).
- 9) Trevas (Ex. 10:21-29).
- 10) Morte dos primogênitos (Ex. 11:1-10; 12:29-30).

Antes da última praga Deus institui a primeira Páscoa e a festa dos pães asmos. (Ex. 12:1-28). Estas festas sagradas tinham por base o evento histórico da saída do povo de Israel do Egito. A Páscoa assinalava um novo começo para Israel, o mês em que ela ocorreu tornou-se “o primeiro dos meses” de um ano novo para a nação. A Festa dos pães asmos, “as ervas amargas” trazem à lembrança os tempos amargos da escravidão no Egito.

Somente com a última e sangrenta praga foi que a resistência de Faraó foi quebrada. Assim partiram os filhos de Israel, mais ou menos 600 mil homens, sem contar os meninos e as mulheres, e também uma grande quantidade de gado. O tempo que eles habitaram no Egito foi de 430 anos.

Deus guia o seu povo (Ex. 13-16)

A primeira ordem de Deus a Moisés depois que eles saíram do Egito foi: “Santifica-me todo primogênito” (Ex.13:2). Deus salvara da morte os primogênitos de todos os israelitas agora eles passaram a ser consagrados ao Senhor. Assim o povo guardaria bem vivo na memória aquele evento, como também expressaria sua gratidão.

Deixando Faraó ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto. Porque disse Deus: *“Para que, porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e tornem ao Egito. Mas*

Deus fez rodear o povo pelo caminho do deserto perto do Mar Vermelho...” (Ex.13:17 e 18). O povo de Israel podia ter chegado à Terra Prometida em poucas semanas, entretanto, neste caminho teriam que enfrentar outros povos, e eles não estavam preparados. Poderiam pedir para voltar ao Egito, ainda que isso significasse escravidão. Assim Moisés os conduziu pelo caminho mais longo. Diz a Bíblia que o Senhor ia adiante deles de dia com uma coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo (Ex. 13:21). Deus colocou essas colunas como evidência da Sua presença, do seu amor e do seu cuidado por Israel. Elas permaneceram entre eles até chegarem à Terra Prometida, 40 anos mais tarde.

O coração de Faraó mudou, enquanto o povo de Israel fugia pelo deserto. Então, ele aprontou seu carro e tomou consigo seu exército e foi atrás do povo (Ex. 14:5-7). Deus poderia ter impedido que Faraó se levantasse contra eles, podia detê-los, mas este não era o seu propósito. Moisés e o povo ficam entre o Mar Vermelho e o exército de Faraó. Como aconteceria esse livramento? *“Disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dizes aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco”* (Ex. 14:15-16).

O livramento de Israel através do Mar Vermelho confirmou a promessa de Deus: *“O Senhor pelejará por vós”* (Ex. 14:14). Assim Moisés e os filhos de Israel cantaram ao Senhor em ações de graças (Ex. 15:1-18). Miriã dança com as mulheres Israelitas (15:20).

O primeiro ponto de parada além do Mar Vermelho foi em Mara, palavra que significa “amarga”. As águas nesse lugar eram amargas por isso do nome. O povo estava com sede e murmuraram contra Moisés dizendo: *“Que havemos de beber?”* (Ex. 15:24). Deus usou através de Moisés um pedaço de pau que jogou nas águas amargas e estas tornaram-se doce.

No capítulo 16 novamente o povo está murmurando. Apesar de tudo o que Deus fizera, eles perderam rapidamente a fé. Disseram: *“Quem dera que nós morrêssemos por mão do Senhor na terra do Egito,... quando comíamos pão até fartar”. Porque nos tende tirado para este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão”* (Ex. 16:3).

E o Senhor falou a Moisés: *“Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel; fala-lhes, dizendo: Entre as duas tardes, comereis carne, e*

pela manhã, vos fartareis de pão, e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus” (Ex. 16:11,12). Deus manda a porção diária de pão e cordonizes. Então, submete o povo à prova de obediência e fé mandando que colhessem na medida, o suficiente para cada dia, nem mais, nem menos, com exceção do sexto dia que poderiam colher em dobro (v.22). e comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até chegarem aos termos da terra de Canaã.

O caminho até o monte Sinai (Ex. 17-19)

O capítulo 17 narra mais dois incidentes no deserto. Eles haviam acampado em Refidim, mas ali não havia água para beber (v.1). novamente o povo murmura contra Moisés a ponto de quase matá-lo. Moisés seguindo ordem de Deus toma a vara e feri a rocha, em Horebe, e dela sai água. O segundo incidente foi à peleja com os amalequitas (Ex. 17:8-16). Josué foi escolhido para comandar a peleja, enquanto Moisés permanecia no monte junto com Arão e Hur. Enquanto Moisés permanecia com as mãos levantadas, Israel prevalecia. E, assim, Josué desfez a Amaleque e a seu povo a fio de espada” (Ex. 17:13).

Jetro, sacerdote de Midiã, sogro de Moisés, ouvindo todas as coisas que Deus tinha feito, tomou Zípora e seus netos, Gérson e Eliézer, e os levaram ao encontro de Moisés (Ex. 18:1-6). Ele oferece um sacrifício de ações de graça a Jeová pelo livramento de Israel. E, na mesma ocasião, com grande sabedoria, aconselha seu genro e cerca-se de auxiliares competentes para maior eficiência e resultados na obra do Senhor.

O texto em Êxodo 18, versículo 21, menciona algumas qualificações de um líder do povo de Deus, os quais devem ser: (1) pessoas capazes, (2) pessoas que temem a Deus, (3) pessoas instruídas na verdade e totalmente dedicadas à sua casa, (4) pessoas que abominam o ganho desonesto e que, por isso, estão livres da cobiça e do amor ao dinheiro.

Três meses depois da saída dos filhos de Israel do Egito, eles chegam ao deserto do Sinai. E Moisés subiu a Deus, no Monte Sinai, e ali o Senhor estabeleceu seu concerto com o povo de Israel. Lembrando do Concerto Abraâmico (Gn. 15), depois de 430 anos, e em outra situação, Deus faz o Concerto Mosaico com Israel. Ele propõe e os israelitas aceitam, prometendo obedecer (Ex. 19:5,8).

A Aliança Mosaica (Ex. 20-24)

A partir do capítulo 20, há três divisões da Aliança Mosaica:

1º) os mandamentos, que expressam a vontade de Deus para o seu povo (Ex. 20:1-26);

2º) os juízos, que governam a vida social de Israel (Ex. 21-24:11);

3º) as ordenanças que governam a vida religiosas de Israel (Ex. 24:12-31:18).

Três elementos, porém, uma só Lei. Os Dez Mandamentos foram escritos em duas tábuas de pedra. Os cinco primeiros mandamentos falam dos deveres do homem para com Deus e os outros cinco falam dos deveres do homem para com seu semelhante.

Os Dez Mandamentos:

Primeiro: “Não terás outros deuses diante de mim” (20:3)

Segundo: “Não farás para ti imagem de escultura...” (20:4)

Terceiro: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão...” (20:7)

Quarto: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (20:8)

Quinto: “Honra teu pai e tua mãe...” (20:12)

Sexto: “Não matarás” (20:13)

Sétimo: “Não adulterarás” (20:14)

Oitavo: “Não furtarás” (20:15)

Nono: “Não dirás falso testemunho” (20:16)

Décimo: “Não cobiçarás...” (20:17).

Os capítulos 21 a 23 temos a complementação com os juízos, o código civil dos mandamentos.

- Leis da pena capital (Ex. 21:12-32)

- Leis da restituição de propriedade (Ex. 21:33-22:1-15)

- Leis gerais (Ex. 22:16-23:13)

- E também as três grandes festas anuais:

- Festa dos Pães Asmos, para comemorar a saída do Egito.

- Festa das Primícias, na primavera, onde todo o primeiro fruto da terra era oferecido ao Senhor Deus.

- Festa do Tabernáculo, no outono para lembrar o tempo pelo deserto.

Depois, disse o Senhor a Moisés para subir ao Monte com Arão, Nadabe e Abuí, e os setenta anciãos de Israel, mas, somente Moisés se chegou ao Senhor. *“E, subindo Moisés ao monte, a nuvem cobriu o monte. E habitava a glória do Senhor sobre o monte de Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias: e ao sétimo dia chamou a Moisés do meio da nuvem. E o parecer da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés entrou no meio da nuvem, depois que subiu ao monte: e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites”* (Ex. 24:15-18).

O Tabernáculo (Ex. 25-40)

Deus mesmo dá instruções a respeito do Tabernáculo. O significado histórico, espiritual e tipológico do Tabernáculo deve apoiar-se no que a Bíblia diz a respeito.

(1) O Tabernáculo era um santuário (25:8), um lugar separado para Deus habitar entre o seu povo e encontrar-se com ele.

(2) Era chamado o “Tabernáculo do Testemunho” (38:21), porque continha os Dez Mandamentos.

(3) O Tabernáculo era o lugar onde Deus concedia o perdão dos pecados mediante um sacrifício vicário (29:10-14). Esses sacrifícios tipificavam o perfeito sacrifício de Jesus na cruz.

(4) O Tabernáculo falava do céu, do “Tabernáculo celestial” onde Jesus, nosso Sumo Sacerdote eterno, vive eternamente para interceder por nós.

(5) O Tabernáculo falava da redenção final quando, então, haverá um novo céu e uma nova terra.

A ordem na qual as instruções foram dadas por Deus a Moisés, referente ao Tabernáculo, foi obedecida rigorosamente, começando de dentro para fora. Assim, o ponto de partida foi primeiro o “Santo dos Santos”, depois o “Santo lugar” e por último o “Átrio”.

O “SANTO DOS SANTOS” - Era a parte mais interna do Tabernáculo; separado por um véu do Santo lugar. Este véu ensinava que o acesso à presença de um Deus Santo estava impedida pelo pecado do homem. Nele continha, a arca (25:10), que era uma peça em formato de baú, contendo os Dez Mandamentos, um vaso de maná e a vara florescida de Arão.

Tinha por cobertura uma tampa chamada propiciatório, e formando uma só peça com ele, havia dois querubins alados, de ouro batido (25:18-20). No propiciatório o sumo sacerdote aspergia o sangue derramado do sacrifício, a fim de fazer expiação pelos pecados, uma vez por ano.

O “SANTO LUGAR” - Era o local de execução do serviço dos sacerdotes – os filhos de Arão. Havia três objetos neste lugar:

- A mesa dos pães asmos (25:23) – o pão colocado sobre essa mesa representava a presença do Senhor como o sustentador de Israel na sua vida em geral. Aponta para Jesus o Pão da vida.

- O candelabro de ouro (25:31) – ele continha sete lâmpadas a óleo para iluminar o Tabernáculo. As lâmpadas representavam a luz de Deus, a sua presença no meio do arraial.

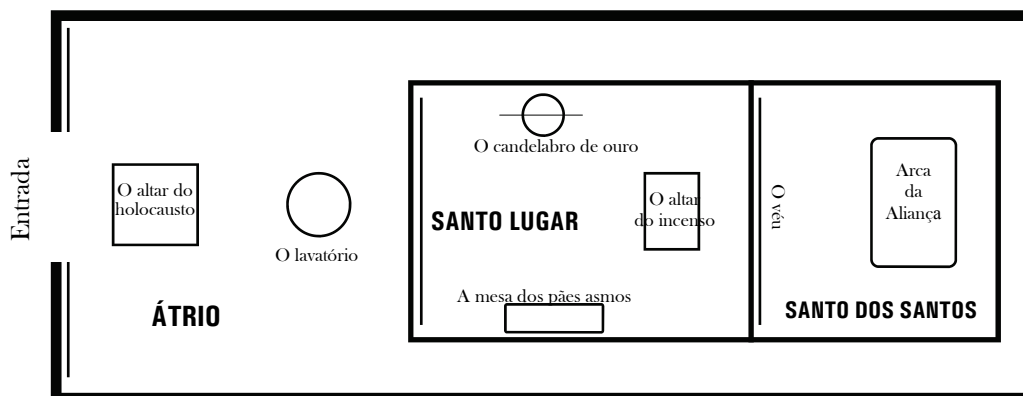
- O altar do incenso (30:1-10) – Que fala de comunhão e intercessão.

O “ÁTRIO” - Era o local onde o judeu podia entrar para adorar a Deus. Era constituído:

- Pelo altar dos holocaustos (Ex. 27:1-8) – era o lugar onde os animais eram imolados em sacrifício para fazer expiação (cobrir o pecado e alcançar o perdão de Deus).

- Pela pia de cobre – era para o sacerdote lavar suas mãos e pés antes de entrarem no Santo lugar. Simbolizava a purificação para o serviço do Senhor.

O TABERNÁCULO



Vejam agora as cores e os metais utilizados no Tabernáculo (leia os capítulos 36 a 39).

(1) Azul – fala-nos da natureza celestial de nosso Senhor Jesus Cristo.

(2) Púrpura – fala-nos da realeza. Refere-se ao reinado de Cristo ou à sua realeza.

(3) Escarlata – fala-nos de sangue. Lembra o sofrimento de Cristo em nosso lugar, sofrimento esse divinamente determinado.

(4) Branco (linho fino) – fala-nos da perfeita justiça e pureza de Cristo.

(5) Ouro – metal mais precioso. Está ligado à vida de Jesus. Todos os objetos eram de ouro maciço ou revestidos de ouro. Até a madeira usada no Tabernáculo era revestida de ouro; essa madeira tipifica a humanidade de Jesus, e o ouro, simboliza a Sua divindade.

(6) Prata – Simboliza “redenção”. O principal ponto da redenção está na aspersão do sangue.

(7) Bronze (ou cobre) – esse metal cobria o Altar do Holocausto no Átrio. Ele é geralmente reconhecido como tipo do julgamento e justiça.

“E falou o Senhor a Moisés dizendo: No primeiro mês, no primeiro dia do mês, levantarás o Tabernáculo da tenda da congregação...” (Ex. 40:1). Assim fez Moisés. Lendo o livro de Êxodo você terá outros detalhes sobre o Tabernáculo.

O livro de Êxodo chega ao fim, com a glória do Senhor enchendo o Tabernáculo (Ex. 40: 34-38). Esse acontecimento prenunciou a presença do Senhor nos seus santos, a igreja. Prenunciou, ainda, que Deus habitará futuramente com todos os seus santos no novo céu e na nova terra.

EXERCÍCIO

1. ____ Moisés ficou escondido durante um ano para não ser morto, quando do bebê.
2. ____ Moisés foi criado também pela filha de Faraó.
3. ____ Deus mandou sobre o Egito dez pragas.
4. ____ A primeira ordem de Deus após a saída do Egito: “Santifica-me todo primogênito”.
5. ____ Os filhos de Israel passaram pelo meio do Mar Vermelho a pés seco.
6. ____ O povo de Israel nunca murmurou no deserto.
7. ____ Os Dez Mandamentos foram dados por Deus a Arão.
8. ____ Êxodo é o livro que fala da construção detalhada do Tabernáculo.

Pentateuco



CAPÍTULO 3

Livro de Levítico

O Livro das Leis

Levítico é o livro de figuras de Deus para os filhos de Israel, com o fim de ajudá-los em seu treinamento religioso. Tias as figuras apontam para a obra de Jesus Cristo. O título “Levítico” sugere o tema do livro – os levitas, os sacerdotes e as suas funções no Tabernáculo. É chamado também o Livro das Leis. Lembrando-nos do Livro de Êxodo, de como Deus havia dado a Moisés, as instruções precisas para a construção do Tabernáculo e acerca da instituição do sacerdócio, a fim de que oficiassem nesse lugar santo.

Este livro é oportuno porque insiste em que devemos manter o corpo santo, do mesmo modo que a alma. Ensina que os remidos devem ser santos porque o Redentor é santo. Neste livro, Deus não só dá a chave para a nossa vida espiritual e um viver santo, mas nos surpreende com lições importantes de higiene e saneamento para o cuidado do corpo. Os judeus são uma prova maravilhosa do resultado disso em sua vida longa e vigorosa. Este é um livro divino. O versículo inicial dá-nos a chave: *“Chamou o Senhor a Moisés e da tenda da congregação lhe falou”*.

O Autor

Levítico é o terceiro livro de Moisés. Mais de cinquenta vezes, o livro declara que seu conteúdo encerra as palavras e a revelação que Deus deu diretamente a Moisés para Israel, as quais Moisés, a seguir, reduziu à forma escrita.

No Novo Testamento, Jesus fez referência a um trecho de Levítico e

o atribui a Moisés (Mc. 1:44). O apóstolo Paulo refere-se ao trecho deste livro ao afirmar: “*Moisés descreve... dizendo...*” (Rm. 10:5). Entretanto, os críticos atribuem Levítico a um escritor sacerdotal de época muito posterior, rejeitando assim, a autenticidade do testemunho bíblico. Este livro data de 1445-1405 aC.

Ele foi escrito para instruir os israelitas e seus mediadores sacerdotais, acerca do seu acesso a Deus por meio do sangue expiatório e para expor o padrão divino da vida santa que deve ter o povo escolhido de Deus. Ele inicia apresentando cinco ofertas. Deus com isso quer ensinar a realidade do pecado e que ele espera um sacrifício todos os dias por eles.

A seguir fazemos uma correlação das ofertas com Jesus através de uma palavra chave:

1. O Holocausto – Submissão de Cristo a favor do mundo (Lv. 1).
2. Oferta de Manjares – Serviço de Cristo na vida (Lv. 2).
3. Oferta Pacífica – Serenidade de Cristo na vida (Lv. 3).
4. Oferta pelo Pecado – Substituição de Cristo pelo pecado (Lv. 4-5:13).
5. Oferta pela Culpa – Satisfação das exigências de Deus por meio de Cristo (Lv. 5:14-6:7).

O termo “oferta” (heb. *Corban*) é cognato do verbo que significa “aproximar-se”. Portanto, o sacrifício (oferta) era uma dádiva que o israelita fiel trazia a Deus, a fim de poder aproximar-se dEle e desfrutar da Sua comunhão e bênção.

O Holocausto (Lv. 1)

O termo hebraico traduzido por “holocausto” significa “aquilo que sobe” para Deus. O sacrifício era totalmente queimado, o que significava que a total consagração do crente a Deus é essencial à adoração verdadeira. Além de ser um sacrifício de consagração por parte do ofertante, o sacrifício do holocausto constituía-se ainda em: oferta de expiação, sacrifício oferecido pelos já salvos e sacrifício perpétuo.

Esse sacrifício tinha um ritual que envolvia os seguintes elementos e ações:

1. A oferta de um animal sem defeito (Lv. 1:3).

2. O ofertante trazia pessoalmente o animal à tenda (Lv. 1:3).
3. O ofertante punha as mãos sobre o animal (Lv. 1:4).
4. O ofertante matava o animal (Lv. 1:5).
5. O sangue do animal era derramado à porta da tenda da congregação (Lv. 1:5).

A Oferta de Manjares (Lv. 2)

A oferta de manjares, ou melhor dizendo, de cereais, era uma dádiva apresentada a Deus como ato de adoração e que simbolizava a dedicação a Deus do fruto do trabalho da pessoa. Subentendia-se que todo o trabalho humano devia ser feito como para o Senhor, e que o alimento cotidiano devia ser recebido com ações de graça a Ele. Mais detalhadamente quanto à sua natureza a oferta de manjares, que simboliza serviço, satisfazia os seguintes requisitos:

1. Era uma oferta da preservação da vida
2. Era uma oferta de serviço.
3. Era uma oferta de sustento do ministério.
4. Era uma oferta que apontava para a vida no Espírito.
5. Era uma oferta que simbolizava a comunhão com Deus.
6. Era uma oferta de oração.

Ninguém era pobre demais que não pudesse oferecer alguma coisa para Deus. Podiam oferecer: flor de farinha, bolos cozidos e cereais. Entretanto, não podia ser oferecido o fermento (2:11). Os elementos dessa oferta eram:

1. Flor de farinha de trigo.
2. Sal – símbolo de perpetuidade e preservação.
3. Óleo – símbolo de consagração e de alegria.
4. Incenso – símbolo de oração, súplica e fragrância.

A Oferta de Paz ou de Ação de Graças (Lv. 3)

Era um sacrifício efetuado diante de Deus, no sentido do ofertante ter comunhão com Ele, expressar gratidão, ou fazer um voto. Para o ofertan-

te, envolvia um compromisso com o concerto e celebrava a paz e a reconciliação entre Deus e o adorador.

Quanto à sua natureza essa oferta:

1. Não era uma oferta expiatória.
2. Era a oferta do crente salvo e perdoado.
3. Era uma cerimônia festiva.
4. Era oferta memorial (semelhante a Santa Ceia).

Esta oferta tinha um ritual que consistia em:

1. Um animal macho ou fêmea.
2. Imposição das mãos do ofertante.
3. O sangue do animal era aspergido ao redor do altar.
4. A gordura e o sangue eram do Senhor.
5. Certas partes do animal eram queimadas.

“Estatuto perpétuo será nas vossas gerações, em todas as vossas habitações: nenhuma gordura, nem sangue algum comereis” (Lv. 3:17). A gordura e o sangue representavam a vida da vítima oferecida em sacrifício; vida esta que pertencia exclusivamente a Deus, por isso não podia ser comido.

A Oferta pelos Pecados (Lv. 4-5:13)

O Holocausto era sacrifício do pecador quanto à sua natureza caída, o qual para se aproximar de Deus tinha de fazer expiação por sua própria vida. Era o pecado em sua natureza geral e abstrata. O sacrifício pelos pecados, no entanto, considera o pecado específico, por um ato pecaminoso praticado e confessado. O ritual deste sacrifício consistia em:

1. Sacrifício pelos pecados (4:1-12).
2. Sacrifício pela congregação (4:13-21).
3. Sacrifício pelos pecados de um príncipe (4:22-26).
4. Sacrifício pelos pecados do povo comum (4:27-35).
5. Sacrifício pelos pecados ocultos (5:1-13)

O derramamento do sangue no sacrifício pelo pecado era importante

por testificar a morte de Jesus e o derramar do seu sangue na cruz, para a expiação dos nossos pecados. Mas o que ocorria com os que eram pobres e não podiam adquirir um cabrito ou um cordeiro para o sacrifício? Deus requeria que eles, também, trouxessem uma oferta e buscassem o perdão. Daí, Deus estipular que tais pessoas podiam trazer como sacrifício rolas ou pombinhos.

A Oferta pela Culpa (Lv. 5:14-6:7)

O sacrifício pela culpa era requerido quando alguém, de propósito ou não, apoderava-se de propriedade alheia. Era necessário trazer uma oferenda, juntamente com o valor da indenização pelo dano causado, mais uma taxa de 25% sobre o valor (5:16; 6:5). Essa oferta também era requerida quando alguém, involuntariamente, violava qualquer dos mandamentos do Senhor.

Para a expiação da culpa por transgressão nas coisas consagradas ao Senhor, deveria oferecer um carneiro sem defeito, tirado do rebanho e avaliado em siclos de prata, segundo o siclo do santuário. O animal deveria compensar em valor material o dano causado (5:15). No caso dos pecados voluntários contra alguém deveria ser restituído o roubado, o extorquido, o achado; pagar o falso juramento tal qual o seu valor e acrescentar-lhe um quinto do seu valor. Um carneiro sem defeito, deveria ser trazido ao sacerdote, que faria a expiação pela culpa e o transgressor voltaria à comunhão, tanto com o próximo quanto com Deus, que testemunhou a ofensa (6: 1-7).

As Leis sobre os sacrifícios em geral (Lv. 6:8 – 7:38)

1. Lei do holocausto (6:8-13)
2. Lei da oferta de manjares (6:14-18)
3. Lei da oferta na consagração dos sacerdotes (6:19-23)
4. Lei da oferta pelos pecados (6:24-30)
5. Lei da oferta da expiação da culpa (7:1-10)
6. Lei da oferta do sacrifício da paz (7: 11-21)
7. E vários regulamentos sobre: comer sangue, gordura, a porção dos sacerdotes e outros (7:22-38)

O sacerdote (Lv. 8-10)

Estamos estudando sobre sacrifícios (ofertas), mas ninguém podia trazer o seu próprio sacrifício diante de Deus. A pessoa tinha de trazê-lo ao sacerdote e este, por sua vez, o oferecia a Deus. Os sacerdotes eram encarregados dos sacrifícios e eram sustentados pelos dízimos do povo. Ele ia a Deus com as ofertas, orações e louvores do povo; representava o povo e pleiteava suas causas.

Como acontecia a cerimônia? O israelita que desejasse aproximar-se de Deus trazia seu animal ao Átrio. No altar do holocausto ele colocava a mão sobre a cabeça do animal, para expressar seu arrependimento e consagração. O animal era morto e o sangue aspergido sobre o altar. O sacerdote, representando o ofertante, aproximava-se então da bacia, na qual lavava as mãos, indicando vida limpa, perdoada dos pecados. Ele entrava no Lugar Santo, passava pelos utensílios sagrados – candelabro, mesa dos pães asmos, e chegava ao altar do incenso, onde a oração era oferecida. E uma vez por ano o sumo sacerdote passava além do véu, que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos, e comparecia diante do propiciatório com o sangue da expiação a fim de interceder pelo povo.

Uma das tribos foi escolhida para cuidar do Tabernáculo, a de Levi. Da família dos levitas, conforme orientação dada por Deus a Moisés, Arão e seus filhos foram separados para o sacerdócio, sendo assim, nenhum ofício poderiam exercer – a consagração exigia separação total, de tão elevada que era a posição que teriam diante de Deus.

Na consagração dos sacerdotes eram usados os seguintes elementos (Lv. 8:2): (1) vestidos sacerdotais; (2) óleo da unção; (3) novilho para oferta pelo pecado e dois carneiros; (3) pães da proposição. A cerimônia de consagração dos sacerdotes se dava à porta do Tabernáculo (Lv. 8:6-13). Eles eram lavados com água, simbolizando a purificação externa e depois vestidos com roupas sacerdotais. Em seguida Moisés tomava o óleo da unção, ungia o Tabernáculo e tudo o que nele havia. Ungia sete vezes o altar dos holocaustos e a bacia; e depois ungia os filhos de Arão e os vestia de vestes santas para administrarem no sacerdócio.

Na segunda parte da cerimônia, Moisés, o mediador do concerto, pedia que fosse trazido o bezerro para ser oferecido como oferta pelos pecados. Nesse momento, Arão e seus filhos colocavam suas mãos sobre

o bezerro; depois Moisés matava o animal, espargindo o sangue no altar e queimava o animal em sacrifício pelo pecado. A seguir traziam o carneiro do holocausto, o qual era morto e queimado sobre o altar, expressando a idéia de que a vida oferecida pertencia ao Senhor.

Depois, outro carneiro, o da congregação é trazido, morto e oferecido. Do sangue deste, Moisés pôs sobre a ponta da orelha direita de Arão e sobre o polegar da sua mão direita, procedendo o mesmo com os seus filhos. A carne era oferecida como oferta de ação de graças a Jeová. Parte do carneiro da última oferta era comida pelos sacerdotes com os pães asmos, segundo o ritual já estabelecido. Por último, deveriam permanecer na tenda durante sete dias, no qual se dedicavam à meditação e estariam guardados de todo contato com o mundo, para que não se contaminassem. Passados os sete dias, eles podiam começar o trabalho de oferecer sacrifícios, por si mesmos (9:1-14) e pelo povo (9:15-21). Terminada esta parte, Arão e Moisés abençoavam o povo.

O Dia da Expição (Lv. 16)

Faremos uma análise desse importante dia judaico e como o processo da expiação prefigura Jesus Cristo e o novo concerto. É o dia santo mais importante do ano judaico. Nesse dia, o sumo sacerdote, vestia as vestes sagradas, e de início preparava-se mediante um banho cerimonial com água, depois fazia os sacrifícios. O Dia da Expição era uma assembléia solene em que o povo de Israel salientava a gravidade do pecado e o fato de que a obra divina da expiação era eficaz somente para aqueles de coração arrependido e com fé perseverante. Esse dia também levava a efeito a expiação por todos os pecados e transgressões não expiados durante o ano anterior (16:16,21). A cada ano deveria ser repetido esse dia da mesma maneira. Alguns simbolismos do Dia da Expição com relação a Jesus:

1. O sacerdote – Oferecia sacrifícios por si mesmo e depois pelo povo. Jesus, o Sumo Sacerdote, não precisou oferecê-lo por Si mesmo, porque não tinha pecado.

2. A expiação – Jesus, ele mesmo foi a oferta vicária. Ele entrou no santuário, não com sangue de carneiro, mas com o Seu próprio sangue.

3. As vestes sacerdotais – O sacerdote tirava suas vestes e vestia roupas brancas que simbolizavam a pureza. Jesus, mesmo sendo puro, teve de

se despir sendo Sua túnica sorteada entre os soldados romanos; por causa dos nossos pecados.

4. O sacerdote sozinho na tenda – Da mesma forma Jesus entrou sozinho no Santo dos Santos e fez sozinho a nossa expiação.

5. O holocausto – Depois de feita a expiação, vinha a festa do holocausto, significando que o pecado já não existia e o povo podia alegrar-se. Depois que Jesus nos salvou e lavou-nos dos nossos pecados, podemos nos alegrar.

O ritual dos sacrifícios, problemas sociais e qualificações sacerdotais (Lv. 17-22)

O ritual do Tabernáculo pedia a imolação de um número considerável de animais para o sacrifício, isto, requeria cuidados especiais. No capítulo 17, Deus fala a Moisés, que os sacrifícios deviam ser trazidos à porta do Tabernáculo, caso fosse feito de outra maneira, a pessoa seria posta para fora do arraial. No versículo 7, deste capítulo, nos chama a atenção a observação de Deus ao povo: “Nunca mais sacrificarão os seus sacrifícios aos demônios”. Esse versículo parece indicar que nos dias de Moisés, Israel ofereceu sacrifícios aos demônios do deserto a fim de obter a ajuda ou o favor deles. Tal prática evidenciava a infidelidade de Israel para com o Senhor, pois esses sacrifícios eram rigorosamente proibidos.

Nos capítulos 18 a 20, Deus adverte ao seu povo que observe as leis sobre casamentos ilícitos e uniões abomináveis. E outras orientações como: temor aos pais, observância do sábado, separação da idolatria, o cumprimento dos deveres para com o próximo, não comer sangue, abstinência da prostituição, não consultar necromantes nem feiticeiros, respeito à velhice e hospitalidade para com o estrangeiro. Além disto, Deus proibiu Israel de oferecer seus filhos a Moloque, e condenou qualquer tipo de imoralidade.

Os capítulos 21 e 22 trata das qualificações e dos altos padrões para aqueles que serviriam como ministros do povo de Deus. Deviam ser exemplos de vida santa, tanto nos deveres cerimoniais quanto no caráter pessoal e atitudes. E deveriam ter cuidado no manuseio e administração das coisas sagradas.

As oito festas (Lv. 23-25)

A primeira parte deste livro trata das ofertas e dos ofertantes, enquanto que a última parte trata das festas e dos participantes. Essas festas são mencionadas em Levítico 23:

1^a) A Festa do Sábado (23:1-3) – O Sábado recebeu um lugar proeminente. Esta festa deveria ser observada durante todo o ano, no sétimo dia. Era dia de adoração e descanso, para celebrar o término da criação de Deus. Os cristãos celebram o primeiro dia da semana ou o dia em que Jesus levantou do túmulo (Lc. 24:1; At. 20:7; I Co. 16:2). Assim, celebramos a consumação da obra da redenção.

2^a) A Festa da Páscoa (23:4,5) – A Páscoa era celebrada na primavera. Era o dia da independência para o povo de Israel. Eles festejavam com um grande culto de adoração a Deus, em Jerusalém. Esta festa durava um dia. Os judeus a celebram até hoje.

3^a) A Festa dos Pães Asmos (23:6-8) – Esta festa começava após a Festa da Páscoa e prolongava-se por sete dias. Leia mais sobre ela em Êxodo 12.

4^a) A Festa das Primícias (23:9-14) – Era a festa em reconhecimento do fato que o fruto da terra provinha do Senhor. Era celebrada em conjunto com a Festa dos Pães Asmos. As primícias deviam ser consagradas ao Senhor.

5^a) A Festa do Pentecoste (23:15-22) – Era celebrada no fim da colheita do trigo, cinqüenta dias depois da Festa das Primícias. Nesse dia, o povo de Deus rendia-lhe graças pelas suas abundantes dádivas de alimento e por tudo quanto possuía.

6^a) A Festa das Trombetas (23:23-25) – Era celebrada no primeiro dia do sétimo mês, no outono, e marcava o Ano Novo dos filhos de Israel. Provavelmente, era celebrada como preparação para o Dia da Expição que se aproximava. Esta festa indicava a futura reunião do povo de Israel após dispersão (Zc. 14).

7^a) O Dia da Expição (23:26-32) – Esta era o maior dia na história do povo escolhido de Deus. Neste dia os pecados da nação eram confessados. Este era o único dia do ano em que se permitia ao sumo sacerdote entrar no Santo dos Santos.

8^a) A Festa do Tabernáculo (23:33-36) – Era assim chamada porque

durante a festa, o povo deixava suas casas e morava em cabanas ou em tendas temporárias feitas de ramos de árvores. Este ato lembrava ao povo a bondade de Deus para com ele durante seus quarenta anos no deserto, sem habitação permanente. Também era chamada Festa da Colheita, porque ela comemorava o término da colheita dos frutos e nozes do verão.

Leis sobre as lâmpadas do Tabernáculo (Lv. 24)

Deus ordena aos filhos de Israel que tragam azeite de oliveira, puro e batido, para a luminária na tenda da congregação. As lâmpadas deveriam estar acessas continuamente.

O Ano Sabático (Lv. 25:1-7)

Era o ano de meditação e devoção – um Sábado que durava um ano. O propósito e a natureza do Sábado eram exaltados. Deus procurou gravar isso na mente do povo, livrando-os de qualquer espécie de trabalho por um ano todo. Isso acontecia a cada sete anos. Todos os dias eram como o Sábado e o povo se dirigia somente para as coisas do Senhor, e a Lei era lida. Esse período exercia tremenda influência na vida do povo.

O Ano do Jubileu (Lv. 25:8-24)

Era celebrado a cada cinquenta anos. Começava no Dia da Expição com o soar das trombetas. A terra não era cultivada e os escravos eram libertados. Havia a restituição de terra, que por qualquer razão tivesse sido tomada, ao seu dono original. O propósito de Deus ao instituir este ano especial era garantir a justiça e impedir os ricos de acumular riquezas e adquirir terras às custas dos pobres.

Promessas divinas e o voto (Lv. 26 e 27)

O capítulo 26 revela a compaixão, o pesar e o sentimento de Deus, ao deplorar o fato de que, possivelmente, teria de castigar o povo. As promessas e advertências do Senhor nesse sentido, brotaram das profundezas do seu amor, com o intenso desejo que o seu povo escolhido nunca

viesses a necessitar de tal disciplina. Ele renova as promessas feitas ao povo, desde que eles andassem nos seus estatutos e guardassem os seus mandamentos.

O capítulo 27 trata das coisas dedicadas ou prometidas ao Senhor: pessoas, animais, casas e terras. Um valor era atribuído a elas, caso a pessoa que fez a promessa desejasse resgatar aquilo que fora dedicado. E fala também sobre as dízimas (v. 30), que é a décima parte do produto da terra e do gado, que era dado ao Senhor. O dízimo de Israel era entregue para o sustento dos levitas e dos sacerdotes, para ajudar nas refeições sagradas e para socorrer os pobres, os órfãos e as viúvas.

O último versículo fala: *“Estes são os mandamentos que o Senhor ordenou a Moisés, para os filhos de Israel, no monte Sinai”*. O livro de Levítico destina-se a um povo remido, mostrando como o homem pode aproximar-se de Deus e adorá-lo.

Uma característica curiosa deste livro é que ele é formado ao redor de uma série de números sete:

- Todo sétimo dia era o Sábado.
- Todo sétimo ano era Ano Sabático.
- O Ano do Jubileu era comemorado sete semanas após a Páscoa.
- No sétimo mês eram realizadas as festas das Trombetas, dos Tabernáculos e o Dia da Expição.
- As Festas de Pentecoste e da Páscoa duravam sete dias.

EXERCÍCIO

1. ____ O livro de Levítico inicia-se apresentando cinco ofertas.
2. ____ O Holocausto era sacrifício do pecador quanto à sua natureza caída.
3. ____ A oferta de Manjares era uma oferta da preservação da vida.
4. ____ A oferta de Paz significava reconciliação com Deus.
5. ____ A oferta pelos Pecados era um sacrifício específico por causa de pecados praticados e confessados.
6. ____ A oferta pela Culpa era requerida quando alguém aproximava-se de propriedades do outro.
7. ____ Qualquer pessoa podia levar seu próprio sacrifício a Deus.
8. ____ Arão e seus filhos foram separados para o sacerdócio

Pentateuco



CAPÍTULO 4



Livros de Números
e Deuteronômio

As experiências de Israel no deserto

Números, este livro surgiu primeiramente nas versões gregas e latinas e deriva dos dois recenseamentos ou “contagens” do povo registrados nele. Entretanto, a maior parte do livro, descreve as experiências de Israel no deserto. Cronologicamente, Números é uma continuação da história relatada no livro de Êxodo. Depois de uma permanência de mais ou menos um ano no Monte Sinai, os israelitas se preparam para continuar a viagem à terra que Deus lhes prometera.

O autor

A autoria de Números é historicamente atribuída a Moisés: (1º) pelo Pentateuco judaico e o Samaritano; (2º) pela tradição judaica; (3º) por Jesus e pelos escritores do NT; (4º) pelos escritores antigos (cristãos); (5º) pelos estudiosos conservadores contemporâneos; e (6º) pelas evidências internas do próprio livro. Moisés, sem dúvida, escreveu um diário durante as peregrinações no deserto, e mais tarde dispôs o conteúdo em forma de narrativa, pouco antes de sua morte. Este livro foi escrito por volta do ano 1405 aC.

Preparação para a jornada (Nm. 1-9)

Ao iniciar-se o livro, os filhos de Israel estavam no deserto do Sinai. Já haviam recebido a Lei, o Tabernáculo fora construído e os sacer-

dotes tinham sido designados para as suas funções. O povo estava preparado para a marcha. Deus, então, ordena a Moisés que conte o número dos filhos de Israel. O censo foi feito no primeiro dia do segundo mês do segundo ano após a saída do povo do Egito. Contados os filhos de Israel, verificou-se que somavam seiscentos e três mil e quinhentos e cinqüenta homens de vinte anos para cima capazes de ir à batalha. Somente a tribo de Levi não foi contada devido ao ministério sacerdotal (Nm. 1).

Após a contagem, Deus ordena que eles fossem distribuídos segundo cada tribo e colocados cada uma das tribos em determinada posição ao redor do Tabernáculo (Nm. 2). A organização do acampamento consistia de um círculo interno de levitas em volta do Tabernáculo, e um outro externo, formado pelas doze tribos, na seguinte disposição: do lado oriental ficaram as tribos de Judá, Issacar e Zebulom; do lado do sul as tribos de Rúben, Simeão e Gade; do lado oeste, as tribos de Efraim, Manassés e Benjamim; e do lado Norte, as tribos de Dã, Aser e Naftali. Essa organização era sempre mantida quando montado o acampamento. A linha de marcha também foi organizada de modo que quando a nuvem se elevava, eles pudessem se deslocar rapidamente, e quando ela pairava, pudessem ocupar seus lugares no acampamento sem confusão. O Tabernáculo no centro do acampamento simbolizava o fato de que a vida da nação girava em torno do Senhor, da adoração ao Redentor.

Nos capítulos 3 e 4, são escolhidos e determinados os deveres dos sacerdotes e dos levitas. A tribo de Levi foi escolhida para servir aos sacerdotes e administrar o ministério do Tabernáculo. Arão e seus filhos Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar, foram ungidos sacerdotes. Entretanto, Nadabe e Abiú morreram quando ofereceram fogo estranho perante o Senhor no Sinai. A divisão de responsabilidades entre os levitas ficou assim: aos filhos de Gérson, cabiam a responsabilidade de todos os panos e véus do Tabernáculo; aos filhos de Coate, a guarda das mesas, altares e vasos; aos filhos de Merari, cabiam a guarda e transporte dos varais, tábuas, colunas, bases, estacas e pequenas peças.

No capítulo 5, Deus ordena a Moisés que os filhos de Israel lancem para fora do arraial, quem tivesse lepra ou corrimento (fluxo), ou tivesse tocado em cadáveres, pois ficava cerimonialmente imundo. As leis sobre a impureza faziam o povo lembrar-se constantemente dos resultados devastadores do seu pecado. Por isso tais pessoas eram levadas para fora do

arraial, porque Deus não habita entre a impureza. E também orienta no caso de suspeita de adultério de uma mulher. Ela era levada diante do Senhor para ser constatada a sua culpa ou inocência (vv.11-31).

A lei do nazireado é vista no capítulo 6. A palavra “nazireu” designa a pessoa consagrada e dedicada totalmente ao Senhor. A dedicação poderia durar um período determinado, ou por toda a vida. A pessoa podia dedicar-se ao Senhor ou ser dedicada por seus pais. Uma vez feita a dedicação a pessoa não podia beber vinho, comer uvas, cortar cabelo, nem acompanhar cortejo fúnebre. Nos versículos 22 a 27, deste capítulo, Deus instrui a Arão e seus filhos a como ministrarem a bênção sacerdotal aos filhos de Israel. *A bênção: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz”.*

Os capítulos de 7 a 9, falam novamente sobre consagração do Tabernáculo, tratando inclusive das ofertas, das lâmpadas e sobre o ritual de consagração dos levitas e sacerdotes. Trata também da segunda celebração da Páscoa no deserto do Sinai.

Os israelitas partem do Sinai (Nm. 10-14)

Nos primeiros versículos do capítulo 10, Deus fala para Moisés fazer duas trombetas de prata e dá instruções de como e quando usá-las. Ele também deu aos filhos de Israel uma nuvem para guiá-los durante o dia e uma coluna de fogo para a noite. Depois de apenas três dias de viagem, o povo começa a murmurar e a queixar-se porque as condições não eram excelentes. Queixando-se o povo e acendendo-se a ira do Senhor, um fogo devorador destruiu muitos do povo, pois só se lembravam das coisas boas do Egito (11:1-3). O povo clama a Moisés, que ora a Deus e o fogo cessa. Agora são os não-israelitas (vulgos) que se ajuntam ao povo de Israel influenciando-o a se rebelar contra Deus e a desejar os prazeres ilusórios do Egito. Dizia o povo: “Quem nos dará carne a comer?” No deserto até então, havia somente o maná para comer. Face à murmuração do povo, Moisés volta-se para Deus indagando o que fazer (v. 11:11). Deus declara que mandará carne para o povo comer, não por um dia apenas, mas por um mês inteiro. Foi grande a disputa entre o povo pela carne, criando-se uma grande confusão no meio deles. Deus mais

uma vez fica indignado com tal comportamento que manda uma praga, matando muitos deles. Neste capítulo ainda Deus designa setenta anciãos para ajudarem Moisés a administrar junto ao povo (11:16,17).

No capítulo 12, Miriã e Arão falam contra Moisés, por causa do seu casamento com uma mulher etíope (cuxita). O pecado deles ao questionarem a autoridade de Moisés foi falta de temor a Deus e desacato à Sua palavra através do seu profeta. Embora eles fossem líderes, não tinham o direito de contestar a autoridade de Moisés. Como consequência Miriã ficou leprosa e quem a salvou foi Moisés que clamou a Deus pela sua vida.

Após vários dias de viagem, o povo finalmente chegou a Cades-Barnéia. Israel estava a um passo da Terra Prometida. Deus manda Moisés enviar alguns homens para espiarem a terra de Canaã (Nm.13). Quando os espias voltaram, contaram ao povo sobre os gigantes e as cidades cercadas de altos muros; com isso, o coração do povo desfaleceu. Não quiseram ouvir a Josué e Calebe, que mesmo confirmando tudo o que os dez disseram, acrescentaram: *“Subamos animosamente e possuamo-la em herança; porque certamente prevaleceremos contra ela”* (Nm.13:30). Os espias mencionaram alguns povos que habitavam a Terra Prometida (Nm.13:29): (1) os amalequitas que habitavam ao sul da Palestina e sudeste das montanhas de Judá; (2) os heteus (ou hititas) que moravam nas montanhas da Palestina, onde mais tarde Josué encontrou fortes concentrações militares; (3) os jebuseus (ou jebusitas) que moravam em Jerusalém, terra de Melquisedeque, cidade muito antiga, fundada uns três mil anos antes de Cristo; (4) os amorreus (ou amonitas), sabe-se apenas que descendiam de Canaã; (5) os cananeus, que é um nome que inclui diversos grupos étnicos, tais como: gergaseus, heveus, sineus e outros. Entre eles estavam os anaquins, gente de estatura alta. Habitavam às margens do rio Jordão.

Tanto Josué como Calebe resistiram à opinião majoritária dos outros espias. Mas o povo não quis confiar em Deus e disse: *“Voltemos para o Egito”* (Nm.14:4). Disse Deus a Moisés: *“Até quando me provocará este povo? E até quando me não crerão por todos os sinais que fiz no meio deles?”* (Nm.14:11). No âmago da rebeldia de Israel estava a incredulidade oriunda do seu esquecimento da fidelidade de Deus no passado, de não confiar em Deus como seu Senhor, e da não aceitação

literal das Suas promessas. Moisés se coloca em favor do povo perante Deus. O Senhor responde: “*Conforme a tua palavra, lhes perdoei*” (Nm.14:20). Devido a rebeldia do povo, Deus o sentenciou a andar vagueando pelo deserto durante quarenta anos. Sabemos, entretanto, que foi um período em que o cuidado e a proteção divina esteve presente.

Quarenta anos no deserto (Nm. 15-21)

No capítulo 15 as leis são repetidas por Deus a Moisés. No capítulo 16, fala sobre a rebelião de Coré, Datã e Abirão, que são três levitas ambiciosos conspirando para obter mais poder e uma posição mais elevada. Desafiaram a autoridade de Moisés e a ordem divina a respeito de Arão. Conseqüentemente, receberam da parte de Deus a justa condenação, a morte. No dia seguinte, a esses terríveis acontecimentos, a congregação de Israel levantou-se contra Moisés, dizendo que ele estava destruindo a nação. Moisés chama Arão rapidamente, para fazer a expiação pelo pecado do povo, pois Deus revela sua decisão de consumi-los. A praga já tinha começado a matar no meio do arraial, quando Arão toma o incensário e faz expiação pelo povo. Mesmo assim, ainda morreram catorze mil e setecentas pessoas. Quando Arão volta a Moisés à porta da tenda da congregação a praga havia cessado (16: 42-50).

Para evitar novos conflitos com relação ao sacerdócio, Deus manda Moisés chamar cada chefe de tribo, cada príncipe, e que trouxessem, cada um, uma vara (Nm.17). Na vara correspondente à tribo de Levi foi escrito o nome de Arão. As varas foram postas na tenda da congregação. No dia seguinte a vara de Arão havia florescido, brotaram folhas e nasceram amêndoas; com as demais nada havia acontecido. Era o sinal da aprovação divina. Depois, Deus ordena que a vara fizesse parte dos utensílios da tenda, que fosse guardada dentro da arca. Estava confirmado: Moisés era o chefe civil e Arão o sacerdote. O capítulo 18 fala dos deveres e direitos dos sacerdotes e dos levitas: não tinham direito a qualquer porção de terra; deviam ser sustentados pela demais tribos; cabia-lhes as primícias dos frutos da terra; etc.

Outros fatos se destacam nesse período da história dos filhos de Israel (Nm 20): a morte de Miriã, irmã mais velha de Moisés (Nm.20:1-6); Moisés solicita passagem por Edom (Nm.20:14-21); e a morte de Arão

(Nm.20:22-29). Mas, um episódio, marca o capítulo 20, quando Moisés fere a rocha e as águas jorram (Nm.20:7-13). Era deserto e o povo não tinha mais água para beber. Para suprir a necessidade do povo, Deus manda Moisés falar à rocha, porém, ele bate por duas vezes com a vara na rocha. A consequência do ato de Moisés, não obedecendo rigorosamente a ordem de Deus de apenas falar à rocha, lhe custou a entrada em Canaã. Moisés foi proibido de introduzir o povo na Terra Prometida.

No capítulo 21, Israel peleja contra os cananeus e vence. Mas, logo depois, começa a murmurar novamente. *“Porque nos fizeste subir do Egito...”* (v. 5). O Senhor manda serpentes ardentes e muitos dentre o povo morre. Moisés, mais uma vez, intercede pelo povo e Deus retira a praga do meio deles. O povo continua sua jornada. Eles ferem os reis de Moabe e de Basã (21:21-35). Nesse período, os israelitas que haviam deixado o Egito tinham morrido, menos Moisés, Josué, Calebe. E seguem com eles os que tinham menos de vinte anos de idade, quando os espias entraram na terra de Canaã.

Balaão, o pecado de Israel e o resgate de Finéias (Nm. 22-25)

Balaque rei dos moabitas, temendo os israelitas, depois de ouvir o que fizeram aos amorreus, envia mensageiros a Balaão (homem que possuía o dom de profecia; era um dos iluminados étnicos, mas não era fiel a Deus), pedindo que amaldiçoasse a Israel. Balaão responde aos mensageiros de Balaque que só faria o que Jeová lhe ordenasse. Ele então ergui altares e mais altares para tentar arrancar uma decisão de Jeová. Cada vez ficava mais evidente que era impossível amaldiçoar um povo a quem Deus abençoou. A ira de Balaque se acende contra Balaão, porque por três vezes ele abençoa a Israel, não consegue amaldiçoar (Nm.22-24).

Tendo Balaão fracassado na sua tentativa de afastar do Senhor os israelitas, aconselha os moabitas a tentar separá-los do seu Deus, seduzindo-os à imoralidade e ao culto sensual dos falsos deuses dos moabitas (Nm.25). O plano deu certo. A ira do Senhor se acende contra Israel. Então, disse o Senhor a Moisés: *“Toma todos os cabeças do povo e enforca-os ao Senhor diante do sol, e o ardor da ira do Senhor se retirará de Israel”* (Nm.25:4). Foram executados os líderes do povo, por

causa do comportamento imoral e da idolatria. Finéias, filho de Eleazar, o filho mais velho de Arão, vendo o que estava acontecendo, reagiu ante a degeneração imoral e a idolatria entre o povo de Deus. Ele toma providências e a praga cessa mais uma vez. Foram os que morreram vinte e quatro mil. Deus fala a Moisés: *“Finéias, ...desviou a minha ira de sobre os filhos de Israel, pois zelou o meu zelo no meio deles; de modo que no meu zelo não consumi os filhos de Israel”* (Nm.25:11).

O segundo censo e o reforço das Leis (Nm.26-30)

Deus ordena um segundo censo a fim de preparar a nação para as suas responsabilidades militares ao entrar em Canaã (26:2), quando da posse da herança da terra. Deus orienta acerca da divisão da terra, conforme cada tribo (26:52-65) e acerca das heranças (27:1-11). É interessante ressaltar que na lei hebraica, quanto à herança, somente, até este momento, o filho homem tinha direito. Deus, portanto, institui a lei determinando que uma filha poderia herdar terras pertencentes à família. Essa lei demonstra a posição de dignidade e honra dispensadas à mulheres em Israel.

Depois, Deus anuncia a morte de Moisés. Josué é designado sucessor dele. Disse o Senhor a Moisés: *“Toma para ti a Josué, filho de Num, homem em que há o Espírito, e põe a tua mão sobre ele”* (Nm.27:18). Do capítulo 28 ao 30, Deus dá ordem ao povo sobre o holocausto, as ofertas específicas, a lei acerca dos votos do homem e da mulher.

A vitória sobre os midianitas e a destruição de Moabe (Nm.31-36)

Midianitas e moabitas são povos aparentados com os israelitas. Moabitas (amonitas) descendem da união incestuosas de Ló (Gn.19:36-38). Os midianitas descendem de Abraão por Quetura (Gn.25:1,2), que, posteriormente, se mesclaram com os ismaelitas também descendentes de Abraão, por parte de Hagar (Gn.25:12).

Assim como muitos em Israel morreram por causa dos seus pecados, inclusive no caso do seu envolvimento com os midianitas, no seu culto idólatra e devasso, assim também os midianitas deviam morrer por causa do seu intento de corromper o povo de Deus (31:7,8). Deus instrui a Moisés

para que alguns se armem e façam a vingança do Senhor contra os midianitas. Além de matarem os homens dos midianitas, mataram ainda cinco reis. Balaão também foi morto. As mulheres e as crianças foram poupadas pelos soldados israelitas, mas Deus ordena que mate toda mulher que conheceu algum homem, poupando somente as virgens, e mate todo varão homem dentre as crianças. As cidades também foram destruídas. Depois da guerra, os soldados tiveram que ficar uma semana fora do arraial, purificando-se. O despojo da guerra foi muito grande. Além de vasos de metal foram contados milhares de ovelhas, bois e jumentos (vv.32-34). Moisés concede à tribo de Rúben e Gade a terra ao oriente do Jordão que era muito fértil (Nm.32). Moisés, entretanto, pede que eles assumissem o compromisso de seguirem com o restante do povo até a parte ocidental.

O capítulo 33 relata as jornadas desde o Egito até Moabe. Deus então orienta o povo a tomar posse da Terra Prometida. *“Fala aos filhos de Israel e dizes-lhes: Quando houverdes passado o Jordão para a terra de Canaã, lançareis fora todos os moradores da terra diante de vós e destruireis todas as suas imagens de fundição e desfareis todos os seus altos; e tomareis a terra em possessão e nela habitareis; porquanto vos tenho dado esta terra, para possuí-la”* (Nm.33:51-53).

Uma das peculiaridades do novo estado é o fato de haver nele cidades sem exércitos. A tribo de Levi não receberia herança entre seus irmãos. Seria estabelecida em cidades no meio de todo o território. Sua missão era o culto a Deus (Nm.35:1-8). As outras cidades sem exército eram cidades de refúgio, que foram estabelecidas para a proteção de quem matasse acidentalmente uma pessoa. O acusado de homicídio podia fugir para uma dessas cidades e ficar ali sob proteção, até ser julgado por um tribunal (35:12). Se fosse declarado culpado era executado imediatamente (vv.16-21). Se fosse réu de homicídio involuntário, devia permanecer naquela cidade até à morte do sumo sacerdote; então, poderia voltar para casa em segurança (vv.22-28).

O último capítulo dá orientações sobre o casamento de herdeiras (Nm. 36). O último versículo deste livro nos fala: *“Estes são os mandamentos e os juízos que mandou o Senhor pela mão de Moisés aos filhos de Israel nas campinas dos moabitas, junto ao Jordão, de Jericó”*.

Deuteronomio é uma coletânea de discursos de Moisés dirigido ao povo de Israel. Esses discursos foram pronunciados do alto do monte Pisga, ao atingir Moisés uma linha divisória entre a vida terrena e a celestial. Ele recorreu mais de um século repleto de acontecimentos marcantes. Em seguida, volta o olhar para o futuro do povo que ele está prestes a deixar.

O livro de Deuteronomio contém um resumo interessante e instrutivo da história de Israel no deserto, e também encontramos uma narrativa sobre Moisés nos seus últimos capítulos. É um livro de recordações, destinado a uma nova geração que nasceu no deserto e que não testemunhou os feitos de Deus. “Farás” e “Não Farás” aparecem com frequência ao longo do livro. Deuteronomio também é chamado do livro da “Segunda Lei”.

O Autor

Este livro foi escrito por Moisés e entregue a Israel como um documento do Concerto, para ser lido por extenso por todo o povo, a cada sete anos. É provável que Moisés tenha escrito o livro pouco antes da sua morte, pois cobre um período de dois meses, incluindo os trinta dias de luto por ele. Foi escrito por volta de 1405 aC.

O primeiro discurso de Moisés: “Olhando para trás” (Dt. 1-4)

O livro começa com o povo de Israel no limiar da terra de Canaã, num ponto que teriam atingido em apenas onze dias de jornada, quarenta anos antes. Da geração que saiu do Egito, só restaram Josué e Calebe, todos os demais morreram. A nova geração experimentara privações nas caminhadas pelo deserto e estava pronta e ansiosa pela conquista. Porém, Moisés precisava repetir a Lei para eles. Ele sabia que sua tarefa estava terminada, porque Deus lhe dissera que outra pessoa introduziria o povo em Canaã.

Moisés tinha agora cento e vinte anos. Ele levanta-se ereto e fala com voz clara, convidando o povo a olhar para trás. Lembra-lhes a fidelidade de Deus e recomenda que sejam gratos e obedientes. Compara o

cuidado que Deus tem para com eles ao de um pai amoroso, que cuida de seus filhos, para que não se percam no deserto ou sofram com o calor do sol. Deus havia suprido todas as suas necessidades (Dt. 2:7).

Moisés ainda traz à lembrança, os povos daquém do Jordão, entre os quais estavam os amonitas e os moabitas (Dt. 2:9). O discurso de Moisés pode ser resumido nas seguintes palavras: Ouvir a Palavra de Deus. Se o povo atentasse ao que tinha aprendido ao longo da peregrinação pelo deserto, de modo a não afastar-se de Deus, as vitórias estariam asseguradas. *“Não os temais, porque o Senhor, vosso Deus, é o que peleja por vós”* (Dt. 3:22). Os israelitas se defrontariam com inimigos poderosos, aos quais não poderiam derrotar com suas próprias forças. A tendência natural de Israel era temer as conseqüências pavorosas da derrota. A única certeza da vitória seria mediante a confiança em Deus.

Moisés como desobedecera a Deus, quando feriu a rocha, foi-lhe dito que não entraria em Canaã. Mesmo assim, ele implora a Deus, pedindo-lhe que revertesse a ordem e lhe permitisse atravessar o rio Jordão e entrar na Terra Prometida (Dt. 3:23-25). Deus não o atende, a fim de ensinar que o pecado de um líder espiritual tem graves conseqüências e incorre em juízo rigoroso. Em lugar de entrar em Canaã, recebe ordem para subir ao monte Pisga e contemplar a terra (Dt. 3:27); e, de confortar e animar Josué, porque ele iria adiante com o povo para possuir a terra. Concluindo o seu discurso, Moisés exorta o povo à obediência incondicional a Deus e ratifica a importância das três cidades de refúgio além do Jordão.

Vejamos abaixo algumas das advertências dada por Moisés no seu primeiro discurso:

1º) Cumprir os estatutos e os juízos para que vissem (Dt. 4:1).

2º) Não acrescentar e nem diminuir palavras aos estatutos e juízos, para que não venha a ira do Senhor (Dt. 4:2,3).

3º) Guardar e fazer segundo os estatutos, porque esta é sabedoria e entendimento diante dos outros povos (Dt. 4:6).

4º) Não esquecer e transmitir os estatutos aos filhos, para que também temam ao Senhor (Dt. 4:9,10).

5º) Guardar a alma da idolatria, porque o Senhor não tolera a infidelidade (Dt. 4:15-19).

O segundo discurso de Moisés: "Olhando para o alto" (Dt. 5-26)

A chave deste segundo discurso encontra-se em Deuteronômio 12:1: "Estes são os estatutos e os juízos que tereis cuidado em fazer na terra que vos deu o Senhor, para a possuídes, todos os dias que viverdes sobre a terra". Israel estava para entrar numa nova terra e tudo dependeria da constante e inteligente obediência a Deus. Moisés anuncia a Lei de modo simples e claro, de modo a poder exercer domínio na vida do povo. Deus disse: "Sois meu povo; eu vos amo e vos tenho escolhido, estou no vosso meio, vou proteger-vos. Somente peço que me obedeçais para o vosso bem". O Senhor queria ensinar a Israel o amor que é o real cumprimento da Lei.

A seguir fazemos um resumo do segundo discurso:

- 1º) Repetição dos Dez Mandamentos (Dt. 5:1-21).
- 2º) Moisés fala do seu papel como mediador entre Deus e o povo (Dt. 5:22-33).
- 3º) Enfatiza a obediência como cumprimento da Lei (Dt. 5).
- 4º) Ordena a destruição dos cananeus e seus ídolos. Israel deveria se manter separado de alguns povos (Dt. 7).
- 5º) Exorta aos filhos de Israel a nunca esquecer os benefícios do Senhor (Dt. 8).
- 6º) Lembra aos israelitas as murmurações e infidelidades, advertindo o perigo de voltar à antigas práticas que Deus abomina (Dt.9).
- 7º) Fala sobre a Segunda Tábua da Lei, da vocação sacerdotal da tribo de Levi e exorta sobre a obediência (Dt. 10).
- 8º) Fala sobre os benefícios da obediência - a bênção; e no caso da desobediência - a maldição (Dt. 11).
- 9º) Indica o único e verdadeiro lugar de culto ao Senhor (Dt. 12).
- 10º) Fala sobre o castigo aos falsos profetas e aos idólatras (Dt. 13).
- 11º) Discorre sobre os animais limpos os impuros , e sobre os dízi-mos para o sustento dos serviços (Dt.14).
- 12º) Fala sobre o ano da remissão e enfoca as leis em defesa dos pobres e dos escravos (Dt. 15).
- 13º) Relaciona as três festas mais importantes: Páscoa, Pentecoste e

Tabernáculo (Dt. 16).

14º) Fala do castigo da idolatria, da eleição e deveres de um rei (Dt. 17).

15º) Especifica a herança e os direitos dos sacerdotes e dos levitas; condena os advinhos e feiticeiros; e faz a promessas de um grande profeta (Dt. 18).

16º) Volta a falar das cidades de refúgio e do significado do estabelecimento delas (Dt. 19).

17º) Estabelece princípios referente à guerra (Dt. 20).

18º) Fala da expiação por morte cujo autor é desconhecido; estabelece princípio para legislar sobre diversas questões (Dt. 21).

19º) Fala sobre a caridade para com o próximo; estabelece leis quanto ao modo de vestir; e sobre diversos pecados cometidos no casamento (Dt. 22).

20º) Fala que tipo de pessoas devem ser excluídas das assembléias santas e acerca de fugitivos, prostitutas e votos (Dt. 23).

21º) Fala acerca do divórcio, dos penhores, dos roubadores e da lepra; de empréstimos; e da caridade para com os pobres, os estrangeiros e os órfãos (Dt. 24).

22º) Fala sobre a pena quanto há contenda; a obrigação de um homem casar com a viúva do seu irmão; a abominação quanto a injustiça; e determina a destruição total dos amalequitas (Dt. 25).

23º) Trata das primícias da terra, do dízimo e exorta o povo à obediência (Dt. 26).

O terceiro discurso de Moisés: "Olhando para frente" (Dt. 27 e 28).

Os filhos de Israel estavam prestes a atravessar o Jordão, e esta passagem deveria marcar um momento inesquecível. Sendo assim, Deus orienta que depois da travessia eles levantem um monumento nacional, um altar, erguido com pedras grandes não lavradas, apenas caídas, para destacarem-se à distância. Neste altar deveria gravar a Lei, para que seus ensinoss fossem cuidadosamente observados. Seria um marco para lembrar a maneira miraculosa como Deus os fez atravessar o Jordão na época da maior cheia (Dt. 27:1-10).

Moisés dá outras ordens ao povo. Sobre o monte Gerizim, ele manda colocar os representantes das tribos de Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamim. A estes cabia proferir as bênção que viriam em função da obediência à Lei (Dt. 28: 1-14). Sobre o monte Ebal, ele manda colocar os representantes das tribos de Rúben, Gade, Aser, Zebulom, Dã e Naftali. Eles deveriam proferir as maldições que viriam sobre os transgressores da Lei (Dt. 28:11-26). O monte Ebal fica em frente ao Gerizim, separados um do outro por um estreito vale, e perto dos carvalhos de Moré, próximo a Si-quém. Dada a posição estratégica desses montes, uma pessoa postada no pico de um deles podia ser ouvida facilmente por quem estivesse no vale. O capítulo 28 de Deuteronômio é realmente notável, pois mostra o que Israel poderia conquistar pela obediência.

As Bênçãos

- Bendito serás tu na cidade e bendito serás no campo.
- Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas.
- Bendito o teu cesto e a tua amassadeira.
- Bendito serás ao entrares e bendito ao saíres.
- O Senhor fará que sejam derrotados os teus inimigos.
- O Senhor determinará que a bênção esteja em teu celeiro.
- O Senhor te constituirá para Si em povo santo.
- O Senhor te dará abundância de bens.
- O Senhor te abrirá o Seu bom tesouro, o céu.
- O Senhor te porá por cabeça, e não por cauda.

As Maldições

- Maldito o homem que fizer uma imagem de escultura, ou de fundição.
- Maldito aquele que desprezar a seu pai ou a sua mãe.
- Maldito aquele que mudar os marcos do seu próximo.
- Maldito aquele que fizer o cego errar o caminho.
- Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva.
- Maldito aquele que se deitar com a madrasta, porque profanaria o leito de seu pai.

- Maldito aquele que se ajuntar com animal.
- Maldito aquele que se deitar com sua irmã, filha de seu pai, ou filha de sua mãe.
- Maldito aquele que se deitar com sua sogra.
- Maldito aquele que ferir ao seu próximo em oculto.
- Maldito aquele que aceitar suborno para matar pessoa inocente.
- Maldito aquele que não confirmar as palavras desta Lei, não as cumprindo.

Todas estas bênçãos prometidas seriam dadas em decorrência da obediência à Lei, caso contrário, seriam mudadas em maldição. Os versículos 47 a 49 do capítulo 28 fala que Israel serviria aos inimigos que o Senhor enviaria contra eles e que colocariam sobre o seu pescoço um jugo de ferro. Diz ainda que o Senhor levantaria uma nação de longe contra os filhos de Israel. Esse texto descreve a invasão romana no ano 70, sob o comando de Tito.

Nos versículos 63 a 67 do mesmo capítulo, descreve a situação atual dos judeus. Deus falou isso há mais de 3000 anos. O capítulo 28 deixa Israel onde a nação se encontra hoje:

- Dispersos - *“O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até à outra extremidade...”* (v.64). Hoje os judeus estão em toda parte do mundo.

- Intranqüilos - *“E nem ainda entre as mesmas nações descansará”* (v.65). Não há sossego para os judeus em qualquer lugar onde se encontram.

- Pesarosos - *“...o Senhor ali te dará coração tremente, e desfalecimento dos olhos, e desmaio da alma. Pela manhã dirás: Ah! Quem me dera ver a noite! E à tarde dirás: Ah! Quem me dera ver a manhã! Isso pelo pasmo de teu coração, com que pasmarás, e pelo que verás com os teus olhos”* (vv. 65 e 67). O judeu vive pesaroso e temeroso.

Deus predisse tudo isso a respeito do povo de Israel, do judeu, muitos anos antes!

O quarto discurso de Moisés: “Um Novo Concerto” (Dt. 29 e 30)

Depois que a geração rebelde e infiel pereceu no deserto, Deus chamou uma nova geração e preparou-os para entrarem na Terra Prometida, mediante a renovação do Concerto. Para uma conquista bem-sucedida da terra de Canaã, era necessário que eles se comprometessem com esse Concerto e que tivessem a garantia que o Senhor estaria com eles. O conteúdo básico desse Novo Concerto continha praticamente o mesmo feito no Monte Sinai. Se o povo obedecesse a todas as palavras contidas nele, teria a bênção divina, caso contrário, teria a maldição. A única maneira deles e dos seus descendentes permanecerem para sempre na terra de Canaã era guardando o Concerto, amando o Senhor e obedecendo à sua Lei (Dt. 30:15-20).

As últimas palavras de Moisés (Dt. 31-34)

Moisés fala a Josué, seu assistente pessoal durante a peregrinação. Ele foi um dos espias, aquele que ousou crer em Deus. Josué estava agora com 80 anos e Moisés lhe entrega a liderança desse grande povo (Dt. 31). A exortação de Moisés ao povo e a Josué baseia-se em um grande fato: “O Senhor é contigo; sê forte”.

Esse venerável ancião, de 120 anos de idade, é um testemunho da graça de Deus. Ele entoava um cântico para Israel (Dt. 32). Esse cântico tinha o propósito de impressionar os israelitas com o fato que sua existência inteira era o resultado da fidelidade e misericórdia de Deus. Era tão somente o Senhor que os orientava e sustentava (vv. 9-13). Israel, por sua vez, correspondeu em grande parte, procedendo com iniquidade e insensatez (vv. 5,6).

O cântico termina, advertindo Israel que casos futuros de infidelidade, rebelião e apostasia trariam castigos severos de Deus contra a nação. Depois do cântico, Moisés abençoa os filhos de Israel, a cada tribo separadamente (Dt. 33), então, sobe ao cume do monte Nebo e de lá Deus mostra-lhe a Terra Prometida para a qual ele teve o rosto voltado por tanto tempo, mas não entraria nela (Dt. 34). Ali morreu Moisés e Deus enterrou seu servo no vale. Este registro da morte de Moisés foi provavelmente escrito por Josué, pouco depois da morte do grande líder.




A Moisés não foi permitido entrar em Canaã antes da sua morte. Todavia, muitos anos mais tarde, ele realmente entrou naquela terra, quando

apareceu no monte da transfiguração e falou com Jesus (Mt. 17:3).
“*Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés*” (Dt. 34:10). Os grandes destaques na vida de Moisés foram sua íntima comunhão com Deus e sua compreensão da natureza e da pessoa de Deus. Hoje, a pessoa que está em Deus, que cultiva uma vida interior consagrada a Deus e uma vida exterior de santidade, terá consigo a presença e a graça de Deus. A comunhão com Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – é a maior promessa e recompensa do crente. Amém!.

EXERCÍCIO

1. ____ O primeiro censo foi feito no deserto do Sinai
2. ____ Nazireu, pessoa dedicada ao Senhor totalmente.
3. ____ Deus mandara carne para o povo comer durante um ano.
4. ____ Moisés envia vinte espias para espionarem a Terra Prometida.
5. ____ Moisés entrou tranqüilamente na Terra Prometida, porque obedeceu a Deus.
6. ____ Deuteronômio 28 fala das bênçãos e das maldições.
7. ____ Josué foi escolhido para liderar o povo de Israel após a morte de Moisés.
8. ____ No capítulo 33 de Deuteronômio Moisés abençoa cada tribo.

BIBLIOGRAFIA

-  Estudo panorâmico da Bíblia. Henrietta C. Mears.
-  Pentateuco. EETAD.
-  Bíblia de Estudo Pentecostal. Almeida Revista e Corrigida.

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

	lição 1	lição 2	lição 3	lição 4
1	C	E	C	C
2	C	C	C	C
3	E	E	C	E
4	C	C	C	E
5	C	C	C	E
6	C	E	C	C
7	C	E	E	C
8	C	C	C	C

Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático